

REVISTA DIGITAL

PASSARINHANDO

natureza • aves • fotografia • destinos
parceiros • novidades • equipamentos
natureza • aves • fotografia • destinos
parceiros • novidades • equipamentos
natureza • aves • fotografia • destinos
parceiros • novidades • equipamentos
natureza • aves • fotografia • destinos

A revista brasileira sobre observação de aves e fotografia de natureza

PASSARINHOTERAPIA

quando a observação de aves transforma
nossas vidas

SERRA DA CANASTRA - MG

recanto de aves raras, cachoeiras e lindas
paisagens

ESPÉCIES DO MÊS:

tucanuçu e sanã-amarela

JOINVILLE/SC

O paraíso dos tinamídeos

FOTOS DOS LEITORES

CORUJINHA-DO-SUL

Primeiro registro para o
estado de São Paulo

FOTOGRAFIA

Em busca de um
beija-flor

MEU QUINTAL

Veja o quintal da leitora
Hideko Okita, de
Campinas/SP

CONHEÇA

COA-POA, o mais antigo COA
brasileiro





Editor

Jefferson Silva

Conselho Editorial

Claudia Komesu

Jefferson Otaviano

Jefferson Silva

Norton Santos

Tietta Pivatto

Conselho Fotográfico

Jefferson Silva

Luiz Carlos Ribenboim

Norton Santos

Jornalista responsável

Petterson Rodrigues

Contato

contato@revistapassarinhando.com.br

Galeria do Leitor

fotodomes@revistapassarinhando.com.br



Avistar um *lifer* é sempre algo muito bacana, independente de ser uma espécie mais fácil ou mais difícil de ser observada. Agora imagina fazer um *lifer* e ao mesmo tempo isso representar um registro novo da espécie para sua cidade ou estado? Pois foi isso que aconteceu com algumas pessoas recentemente, e contamos para você leitor na seção **Notícias**.

Primeiro, vamos apresentar a história do primeiro registro da corujinha-do-sul, *Megascops sanctaecatarinae*, para o estado de São Paulo, feito pelos observadores Gustavo Pinto e Norton Santos, colaborador da revista Passarinhandando. Um registro muito legal. Até então a espécie havia sido registrada nos estados do sul do país. Depois, vamos conferir o registro de um gigante, o albatroz-gigante, feito pelo fotógrafo Ocávio Campos Salles em Ilha Bela/SP. Por último, temos o primeiro registro da noivinha-branca para o estado do Rio Grande do Sul, feito pelo observador Charles Bouffleur. E para finalizar a seção Notícias, vamos ver o registro do pavó na cidade de Campinas/SP, feito por Jefferson Otaviano, observador e colaborador desta revista.

Observar aves pode ser algo tão simples como sentar no quintal e apreciar algum sabiá, tico-tico, cambacica. Ou pode ser algo bem mais complicado e cansativo, como dirigir quase 1500km em um final de semana ou voar até Manaus para ver algumas espécies específicas. Essa edição traz algumas matérias feitas nessa segunda modalidade de observação.

Eu tive a oportunidade de ir até Joinville/SC, em uma viagem de quase 1500km durante um final de semana, para registrar o trabalho do observador Vilde Florêncio com alguns Tinamideos, em um local fantástico. Já o observador e fotógrafo Luiz Carlos Ribenboim nos conta a sua busca por um beija-flor. Não qualquer beija-flor mais fácil de ver, mas o lindo beija-flor-brilho-de-fogo, que ocorre na região da floresta amazônica. Uma viagem grande, cansativa, mas extremamente agradável, como você leitor poderá conferir no texto do Luiz.

Ainda sobre o assunto viagens, veja o relato do fotógrafo Geiser Trivelato sobre a Serra da Canastra, no estado de Minas Gerais. Geiser nos traz um relato completo sobre o local, e a grande diversidade de espécies de aves.

Nesta edição temos a estreia de duas seções: **Grandes Passarinhas**, e a primeira matéria é simplesmente sensacional. Muitos observadores têm uma queda por corujas. Em geral uma corujada é muito legal. A sensação de chamar uma coruja, ficar esperando no escuro, muitas vezes sem poder ver quase nada, e de repente ver a lanterna iluminar um indivíduo, é demais. Agora imagina um desafio para tentar registrar todas as espécies de uma cidade em um único dia!!! É isso que você poderá ler na matéria de estreia.

Outra seção que estreia é a **Equipamento**. Confira a revisão feita pelo grande fotógrafo João Quental da lente Nikon 80-400mm. Quental faz uma análise aprofundada da lente, e nos brinda com algumas fotos feitas durante os testes.

Boa leitura!

Jefferson Silva

jefferson@revistapassarinhando.com.br



Siga a revista no
Facebook

facebook.com/RevistaPassarinhandando



PASSARINHOTERAPIA

Quando a observação de aves transforma nossas vidas



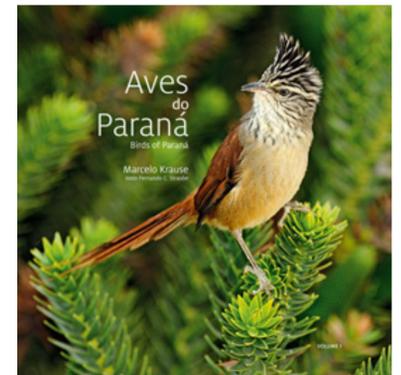
ESPÉCIES DO MÊS

tucanuçu e sanã-amarela



DESTINO

Serra da Canastra/MG



BIBLIOTECA

Aves do Paraná



MATÉRIA DO MÊS

O paraíso dos tinamídeos



FOTOGRAFIA

Em busca de um beija-flor



CONHEÇA

COA-POA, Porto Alegre/RS





Mãe-da-lua ou Urutau / *Nyctibius griseus*
Foto de Marli Franceschett, Campinas/SP
"Essa ave, cujo nome é tupi e significa ave fantasma, foi quem me inspirou a fotografar e observar mais as aves na natureza."
Foto feita em Campinas, 28/10/2013
DMC-FZ200 | f/4, 1/800, ISO 100, @245mm

GALERIA DO LEITOR



Caboclinho-de-sobre-ferrugem / *Sporophila hypochroma*

Foto de Silvia Linhares, São Paulo/SP

"Importante ave documentada durante a Caboclada com a Seledon Turismo, guiados pelo Adrian Rupp, com os amigos Rosemarí, Ubaldo e Ricardo Mendes."

Canon 7D, 300mm f/4L IS USM + TC 1.4x | f/5,6, 1/200, ISO 200, @420mm



GALERIA DO LEITOR

guará, *Eudocimus ruber*

Foto de José Laércio Ribeiro, de Jataí/GO, feita na cidade de Cubatão/SP

"Últimos tratos no bico, logo o filhotão iria ter que se virar sozinho."

Canon EOS T3i, Canon 100-400 mm f/4.5-5.6 IS USM | f/5.6, 1/640, ISO 250, @400mm



GALERIA DO LEITOR



limpa-folha-do-nordeste, *Philydor novaesi*
Foto de Carlos Gussoni, de Rio Claro/SP, feita na RPPN Frei Caneca, Jaqueira, PE. 05/11/2010
"Um dos últimos indivíduos da espécie..."
Sony DSC-HX1 | f/5.2, 1/60, ISO 400, @100mm



Tente responder a seguinte pergunta: por que eu observo aves?

Tenho certeza que você vai listar uma série de justificativas do porque elas são tão encantadoras, ou simplesmente vai dizer: “porque é legal e ponto”. Não tem como não serem admiradas.

Há tempos tenho prestado mais atenção nas pessoas do que nas aves. Porque afinal tem tanta gente apaixonada por elas? Esse texto apresenta alguns desses momentos especiais vividos por mim e por colegas que responderam a essa pergunta.

Eu não vou falar obviamente do amor egoísta que aprisiona passarinhos em gaiolas, mas no encantamento que as aves livres, selvagens, despertam no ser humano. Não é apenas a beleza do canto, da plumagem, do comportamento. O que nos encanta, e isso vale pra qualquer animal, é a aproximação com o selvagem. A conexão com o natural, com uma natureza da qual somos parte e pouco entendemos. Compreendi isso quando, lá na década de noventa, tive o privilégio de olhar nos olhos de um lobo-guará selvagem, no Parque do Caraça/MG. Ali eu entendi tudo o que nunca consegui definir em palavras sobre o significado dessa liberdade. Nós não temos a real compreensão disso até ter um momento como esse, tão próximo, com um animal.

E claro, por estar tão perto de nós, serem tão abundantes e chamativas, as aves são os seres que mais facilitam para o ser humano esse primeiro contato. E tenho certeza que você agora está se lembrando do seu momento especial, da primeira ave observada ou fotografada que mudou sua vida e seu foco de interesse. Lembro da ave colorida e tão diferente que vi no início da adolescência, que me fascinou, e que só anos depois eu descobri ser um pica-pau-do-campo. Uma ave comum, tão diferente da rara choca-de-garganta-preta, ave amazônica que fascinou Bruno Rennó ou da borralhara-assoviadora que Luciano Lima viu pela primeira vez ainda garoto no Itatiaia e até hoje marca

encontros com ele na Mata Atlântica, mas o encantamento foi muito semelhante.

E o que dizer quando elas se aproximam da gente, como os beija-flores que voam em frente aos nossos olhos com curiosidade e rapidamente vão embora, nos deixando paralisados? Ou quando presenciamos a amizade entre o pequeno rabo-branco-rubro com o Jonas em Ubatuba? E imaginem o sentimento da Roséli quando um martim-pescador-pequeno que, de tão calmo e confiante, subiu em sua mão permitindo inclusive ser fotografado?

Esses são daqueles momentos que chamamos de “orgasmos ornitológicos” ou momentos “ppq”.

Tenho certeza que todos tem uma história assim, e compartilham do prazer de falar de passarinho, conviver com passarinho. E nem preciso muito pra convencer os leitores de que observar aves é sim, muito terapêutico.

E aqui eu começo a falar da experiência mais fantástica que as aves me proporcionaram, que foi não apenas ter uma história pra contar, mas conhecer histórias de várias pessoas. Algumas tristes, mas todas lindas. Todas endossando o quanto é bom estar no mato olhando passarinho.



Seu Jonas e o delicado rabo-branco-rubro, que por muitos anos conseguiu frequentar os bebedouros contando com a proteção do amigo contra os beija-flores maiores.

rabo-branco-rubro, *Phaethornis ruber*

Foto: Jefferson Silva

Nos últimos dois anos colhi várias histórias de observadores de aves. Gente que observa aves por inúmeras razões, eu diria mesmo como terapia. E aqui tanto faz se é binóculo ou câmera o instrumento, pois o efeito relaxante é o mesmo. Gente que observa solitariamente, em introspecção, seja pra relaxar ou para pensar nos seus problemas e decisões que precisam tomar. Gente que prefere ir com um amigo ou dois para aos poucos contar suas angústias em busca de conselhos. Gente que vai em grupo para tagarelar muito e extravasar a tensão acumulada após uma semana de trabalho. Sim, pode parecer um absurdo, mas tem gente que vai ver passarinho só pra bater papo. E se divertem muito, voltando pra casa tranquilas e felizes após esse momento de catarse.

Encontrei histórias bonitas, como a proximidade familiar, as aves unindo gerações de avós, pais, filhos com foco nas aves, todos de roupas camufladas. Mas também vi filhos que fizeram os pais se interessarem por elas. Crianças que cresceram e hoje nos encantam com seu

conhecimento.

Ouvi depoimentos de guias completamente apaixonados pela profissão descrevendo o prazer de mostrar uma espécie especial para um turista. Não importa se uma ave comum para um iniciante ou uma endêmica muito rara para um observador mais exigente. O prazer e o encantamento nivelam todos frente à beleza do momento.

Professores que viram nos olhos de seus alunos o fascínio da descoberta e o começo de uma relação especial com as aves e com a natureza. Serão adultos mais sensíveis à causa ambiental. E nos cursos que dei ao longo destes últimos dois anos, vi esse brilho várias vezes, inclusive no choro de uma menina do interior da Bahia, emocionada com as avezinhas que ela nunca tinha percebido em seu quintal. Não há como descrever o prazer que isso nos dá.

Mas vi também histórias tristes, de superação. Aves que abraçaram e consolaram dores de doenças, separação, de casamentos e namoros desfeitos. Ir pro mato ver passarinho pra distrair a cabeça, a saudade dos filhos e quem sabe até encontrar um novo amor.

Também histórias de luto, de perdas esperadas ou que chegaram subitamente. Pais, cônjuges, filhos. Traumas de violência tão fortes que não vou citar aqui. A dor de perdas permanentes traz uma saudade que fica para sempre em nossos corações, mas aos poucos esse vazio vai sendo preenchido pelo conforto trazido por amigos, familiares e no que eu

testemunhei, pelo contato com a natureza, e com as aves. Ouvei relatos de como o contato com elas em diferentes situações trouxe conforto, alegrias cada vez mais presentes e principalmente mensagens sobre a continuidade da vida. O canto das aves, a foto bonita, a

"Mas vi também histórias tristes, de superação. Aves que abraçaram e consolaram dores de doenças, separação, de casamentos e namoros desfeitos."

viagem para lugares novos em submersão no mundo ornitológico preencheu um pouco do vazio do coração, complementado com as amizades e até mesmo compartilhando no meio do mato a tristeza com quem viveu experiência semelhante.

Aves e amigos de passarinhada foram apoio e inspiração para superar muitos momentos difíceis e também para ajudar na tomada de decisões, de definir novos rumos para a vida nova. Não apenas para mim, mas para muitas pessoas que tive o privilégio de conviver.

Passarinhos aguardando calmamente a chuva passar e depois secando-se alegremente sob o sol quente mostraram que a vida continua, que as tormentas passam e nos trazem a florada, os frutos, que podemos entender como aprendizado, maturidade. Tudo passa, sempre. A perda nos faz dar valor a coisas simples, como o canto de um sabiá ou mesmo o brincar de uma cambacica. Que é preciso ter paciência e aguardar o momento certo para que a natureza, as aves e as soluções de nossos problemas se mostrem e sejam compreendidas.

Que a amizade é um bem importante, único, e que podemos encontra-la no abraço cúmplice do melhor amigo ou nas passarinhadas cheias de piadas e fotos divertidas que tiramos um dos outros. Que a vida é efêmera, e de repente sentimos necessidade de compartilhar essa experiência mágica com nossos filhos, pais, amigos, em sintonia com o natural, onde os valores são tão simples e puros.

Eu penso que essa troca de energia, esse religar, é o que nos leva a observar aves. Porque além do prazer da foto, do ticar na lista, tem amigos, tem sorrisos, e tem principalmente aves, beleza de cor, canto e comportamento, que nos transportam para um universo ao mesmo tempo tão longe e tão perto, que é nossa

ligação com o natural, com o selvagem. Todos precisamos estar conectados com a natureza, e somos privilegiados por amar passarinhos. Eles não compreendem nossa relação, pra falar a verdade não estão nem aí com nossas dores e angústias. Para eles somos apenas estranhos fantasiados de folhas que invadem a floresta, mas ainda assim nos dão momentos únicos e especiais, às vezes solitários, às vezes compartilhados. Mas quem já experimentou esse prazer que elas nos trazem sabe do que estou falando.

"Aves e amigos de passarinhada foram apoio e inspiração para superar muitos momentos difíceis e também para ajudar na tomada de decisões, de definir novos rumos para a vida nova."

E a resiliência das aves nos mostra que sim, tudo passa. Que a vida é uma sequência de coisas boas e não tão boas, e assim como o filhote que sobrevive porque aprendeu a se esconder da chuva, nós seguimos aprendendo com cada dificuldade que a vida nos traz. Então bora bater as asas e aproveitar o lindo sol depois da chuva! E acreditem. Mesmo quando a dificuldade é mais difícil, nós nunca estamos sós! Quero muito agradecer a todos que me enviaram os

depoimentos que deram origem a este texto. Se alguém quiser compartilhar suas histórias, mande um e-mail para tietta.pivatto@gmail.com. ■



Na observação de aves existem espécies de fácil observação, por diversas razões, como por exemplo, o fato de ocorrerem em maior número, por ocorrerem em áreas abertas, por permitirem uma maior aproximação. Por outro lado, existem espécies mais difíceis de serem observadas. As razões também são diversas, mas muitas vezes têm relação direta com o comportamento dessas espécies.

A família dos tinamídeos é composta por aves que naturalmente são de difícil visualização, em geral habitam áreas de floresta e se deslocam discretamente pelo solo da mata, no meio da vegetação. Fotografá-las com qualidade é tarefa difícil, devido ao comportamento da ave e a pouca luz nesse tipo de ambiente. Além disso, essas aves foram e ainda são muito caçadas, o que os tornou bastante arredios aos seres humanos.

Existe um local onde essa regra está sendo quebrada. É um sítio no município de Joinville/SC.

Vilde Florencio, observador e fotógrafo de aves, conseguiu criar um ambiente propício para a observação de algumas espécies da família Tinamidae. Vilde fez um esconderijo em um pedaço de mata, e passou a cevar os bichos, ou seja, passou a oferecer alimentos no chão da mata. Não demorou e a primeira espécie apareceu: inhambu-guaçu, *Crypturellus obsoletus*.

Depois outras passaram a frequentar o local, algumas com mais frequência, outras com menos, como é o caso da pariri, *Geotrygon montana*. Além dos tinamídeos, espécies de outras famílias também frequentam o local.

A base do alimento oferecido é o milho triturado, entretanto, o proprietário do sítio em que o esconderijo foi criado observou que o aipim (mandioca) e batata-doce fazem parte da dieta dos urus, *Odontophorus capueira*. A partir dessa informação começaram a incluir esses tubérculos in natura na ceva. São todos cultivados na propriedade e sem nenhum tipo de agrotóxico.

Vilde contou com orgulho, que desde abril de 2014,

quando começou a cevar os bichos, já registrou no local algumas espécies de difícil observação, dentre elas estão:

Nome	Espécie	Família
Inhambu-guaçu	<i>Crypturellus obsoletus</i>	Tinamidae
Inhambu-chintã	<i>Crypturellus tataupa</i>	Tinamidae
Jaó-do-sul	<i>Crypturellus noctivagus</i>	Tinamidae
Uru	<i>Odontophorus capueira</i>	Tinamidae
Juriti-gemeadeira	<i>Leptotila rufaxilla</i>	Columbidae
Pariri	<i>Geotrygon montana</i>	Columbidae
Tovacuçu	<i>Grallaria varia</i>	Grallariidae
Tovaca-campainha	<i>Chamaeza campanisona</i>	Formicariidae
Galinha-do-mato	<i>Formicarius colma</i>	Formicariidae
Macuquinho	<i>Eleoscytalopus indigoticus</i>	Rhinocryptidae

Vilde recebeu a Revista Passarinando em Joinville nos dias 20 e 21 de junho, e conversou um pouco sobre o trabalho feito no local.

Revista Passarinando: quando você começou a cevar a área?

Vilde: criei o comedouro em abril de 2014. Fui testando em vários lugares até chegar ao melhor local de luz e de variedades de espécies. Nos primeiros locais, um tinha o inhambu-guaçu e não tinha o inhambu-chintã, outro tinha os dois mais não o Jaó-do-sul, outros a luz não ajudava.

Revista Passarinando: você criou o esconderijo no mesmo momento que começou a cevar?

Vilde: primeiro faço a ceva durante uns 15 dias seguidos no local escolhido, depois instalo o esconderijo com a rede, e mais ou menos uns 30 dias da instalação do esconderijo começo a ficar no local observando.

Revista Passarinando: alguma espécie é mais difícil de ser vista?

Vilde: o mais difícil é o macuco, que até hoje não vi, e os urus que não tem hora para aparecer.

Galinha-do-mato e tovacuçu começaram a aparecer esporadicamente porque comecei a colocar minhocas de vez em quando, só que na maioria das vezes as minhocas são devoradas pelas saracuras-do-mato, inhambu-chintã e sabia-laranjeira.



Essas espécies devoram as minhocas e eu não posso espantá-las, por que haveria o risco de assustar outras espécies que ficam por perto observando e esperando uma boa hora para comer.

Revista Passarinando: você notou se alguma época do ano fica mais fácil ou mais difícil a observação no local?

Vilde: ainda não tive a oportunidade de observar todas essas espécies juntas na época da reprodução. O que posso afirmar é que as que observei vêm sempre em casais, foi o que pude observar no final do ano passado e no início deste ano. E fica mais difícil de fotografar porque eles disputam o local.

Revista Passarinando: há alguma espécie que você acha que ainda poderá ser vista no local?

Vilde: no local eu observei e fotografei o inhambuquaçu, inhambu-chintã, jaó-do-sul, tovaca-campainha, galinha-do-mato, tovacuçu, juriti-pupu, juriti-gemedeira, tiê-do-mato-grosso, tiê-preto, tiê-de-topete, papa-taoca-do-sul, macuquinho e papa-formiga-de-grota. Os mais difíceis são a pariri que vi há uma semana, e não voltou mais, e o macuco que só ouço o pio, nunca se aproximou!!

Revista Passarinando: existe algum plano de tornar o local acessível a outros observadores?

Vilde: estamos conversando com o proprietário para abrir o local para observação e fotografia, mas provavelmente só para 2016, quando talvez teremos a possibilidade de ter pernoite no local e alimentação, para fazer corujadas e incursões em toda trilha que se estende por 4km de mata.

Revista Passarinando: há mais alguma informação que você acha importante compartilhar com os leitores da revista?

Vilde: alguns cuidados devem ser observados, como por exemplo, a colocação da ração tem que ser quase diária, ela não pode mofar, o mofo mata as aves. Se algum predador descobrir o local tem que ser



tovacuçu, *Grallaria varia*

Foto: Vilde Florêncio



tovaca-campainha, *Chamaeza campanison*

Foto: Vilde Florêncio

abandonado imediatamente, até hoje não houve nenhuma ave morta. Sem contar o predador humano. Tem que ser feito num local privado, fechado, longe de caçadores. Geotag nem pensar. Tudo tem que ser feito secreta e discretamente!!! O local de observação é mais ou menos a 200 metros acima do nível do mar, no pé da serra Dona Francisca (serra do mar) região do Pirai em Joinville/SC.



O ambiente montado por Vilde permite um observador por vez. É bem camuflado e possibilita a observação e fotografia sem incomodar as aves. É um tipo de observação e fotografia diferentes do que estamos acostumados. Nesse ambiente, o observador passa horas sentado à espera dos bichos. Se tiver sorte de a ave aparecer, certamente irá observá-la. E conforme as condições do tempo e do comportamento da ave, poderá então conseguir uma bela foto.

Veja as fotos do ambiente montado pelo Vilde e a visão que se tem atrás da cortina camuflada.



A foto ao lado mostra o local onde o observador fica, atrás de uma espécie de cortina camuflada.

Abaixo a visão que se tem da área onde os bichos aparecem.



Nos dias 20 e 21, foi possível observar e fotografar 6 das espécies da lista acima. Veja as fotos feitas no local.

O jaó-do-sul, *Crypturellus noctivagus*, apareceu algumas vezes no comedouro.



jaó-do-sul, *Crypturellus noctivagus*

Foto: Jefferson Silva

Já o uru, *Odontophorus capueira*, apareceu uma única vez no final de semana. Foram 5 indivíduos observados ao mesmo tempo. Os indivíduos ficaram cerca de 9 minutos no local, comendo.



Uru, *Odontophorus capueira*

Foto: Jefferson Silva



inhambu-chintã, *Crypturellus tataupa*

Foto: Jefferson Silva



inhambuguaçu, *Crypturellus obsoletus*

Foto: Jair Gilberto Kray



juriti-gemeadeira, *Leptotila rufaxilla*

Foto: Jair Gilberto Kray

Além do ambiente criado no interior da mata, Vilde também construiu um comedouro em área aberta, onde oferece frutas que atraem diversas outras espécies, como saíra-sete-cores (*Tangara seledon*), saíra-militar (*Tangara cyanocephala*), saí-azul (*Dacnis cayana*), saí-verde (*Chlorophanes spiza*), gaturamo-verdadeiro (*Euphonia violacea*), ferro-velho (*Euphonia pectoralis*), sanhaçu-de-encontro-azul (*Tangara cyanoptera*), sanhaçu-de-encontro-amarelo (*Tangara ornata*), sabiá-laranjeira (*Turdus rufiventris*), sabiá-coleira (*Turdus albicollis*), periquito-rico (*Brotogeris tirica*), tiê-preto (*Tachyphonus coronatus*), tiê-de-topete (*Lanio melanops*), entre outras.

Em um único dia o observador terá a possibilidade de visualizar aves tão discretas como os tinamídeos em contraste com aves tão coloridas como nossas belas saíras. ■

Observação de aves na Pousada Salve Floresta

Tapirai, São Paulo. Distante somente 150km do centro de S.Paulo
Mais de 100 espécies de aves catalogadas no Wikiaves
Venha passar o dia com conforto, segurança, tranquilidade



Foto: Rogério Machado

Entre em contato com a Pousada:
email: carlossoares@online.de
site: www.salvefloresta.com

É espetacular quando a gente olha através da janela de nosso quarto, quintal ou cozinha e consegue observar um passarinho no nosso jardim. É muito prazeroso observá-los quando se alimentam das frutas que oferecemos, ou das flores e frutos que plantamos especialmente para eles... A como é bom!

Cada vez mais as pessoas apreciam a presença das aves, e tentam de várias formas atraí-las para perto de casa. Esse mês trago pra vocês um pouquinho da história do quintal de Hideko Okita, moradora da cidade de Campinas/SP.

Antes de falar do quintal da Hideko, ou melhor, dos quintais, me deixa apresentá-la a vocês: nascida em Barretos/SP, cresceu em um sítio, onde sempre esteve cercada por animais. Além das maravilhosas lembranças da época de infância relacionadas aos animais do sítio, Hideko me contou que seu irmão naquela época, tinha o hábito de prender passarinhos em gaiola, o que deixava a pequenina Hideko com o coração partido, pois não conseguia entender porque o irmão encarcerava os bichinhos. Ela até que tentou algumas vezes socorrer os coitadinhos, mas quando o irmão percebia lhe dava uns bons cascudos.

O tempo passou, Hideko formou-se em arquitetura, constituiu família e veio morar em Campinas. Hoje em dia, já aposentada na profissão, dedica parte de seu tempo para observação e fotografia das aves. Já viajou por vários roteiros brasileiros e alguns internacionais, mas não abre mão de passarinho no quintal de sua casa. Hideko me contou que seu real interesse pelas aves, veio através de um pequeno beija-flor que fez ninho no quintal de uma casa que morava. Hideko acompanhou o desenvolvimento do filhotinho e registrou tudo com uma pequena câmera fotográfica digital. Com o auxílio da internet, descobriu que se tratava de um ninho de besourinho-de-bico-vermelho.

Encantada pelo beija flor que nasceu em seu quintal, e pela oportunidade de ter as aves por perto, Hideko começou a espetar pedaços de frutas nos galhos secos das plantas e colocar bebedouro para atrair mais beija-flores. Também colocou uma tigela com água limpa para que as aves pudessem tomar banho. Todo esse empenho deu ótimo resultado, pois as aves começaram a aparecer rapidamente, o que fez Hideko aposentar a

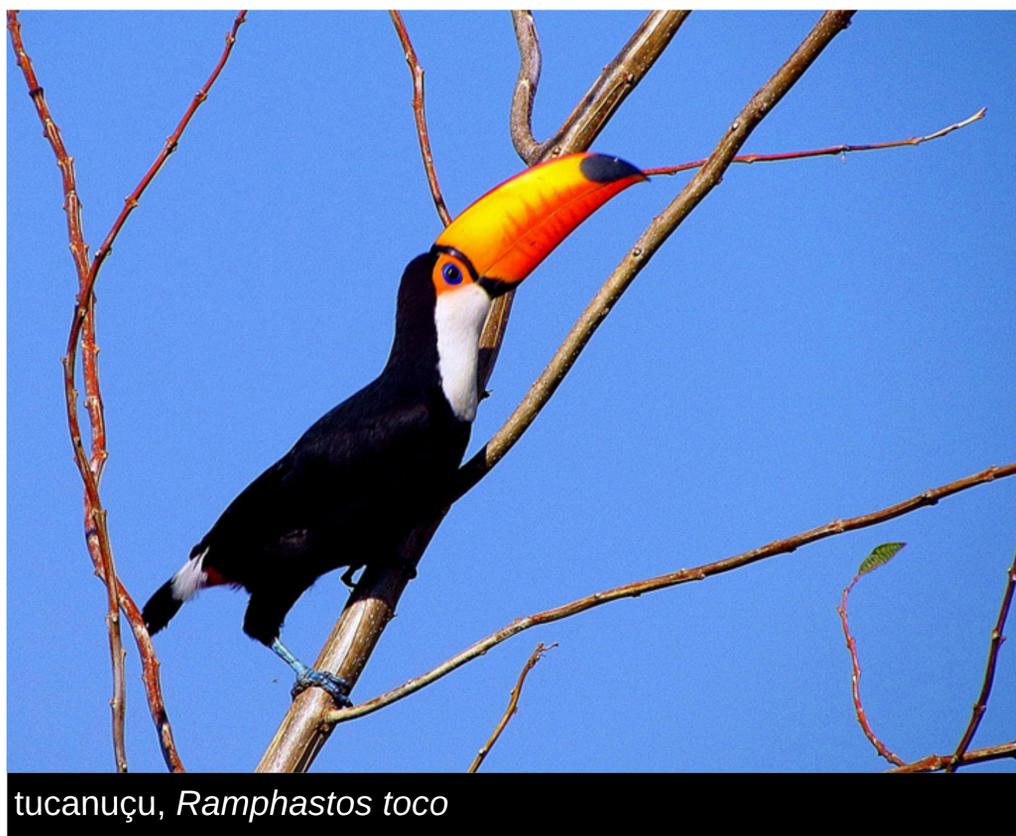


seriema, *Cariama cristata*



pica-pau-do-campo, *Colaptes campestris*

câmera compacta e investir em um novo equipamento fotográfico para melhor clicar as aves de seu quintal. Atualmente, Hideko teve a oportunidade de construir uma nova casa, em um condomínio próximo a área rural da cidade. O condomínio é cercado por pastagem e possui uma reserva de mata em sua extensão. Hideko projetou o jardim da nova casa pensando em atrair as aves. Na lista das plantas, todas escolhidas a dedo, encontramos lantana, grevílea-anã, camarão amarelo, russélia e



tucanuçu, *Ramphastos toco*

ixora-anã, que através de suas flores, atraem as aves que se alimentam de néctar, além de uma infinidade de insetos, que por sua vez, atraem pássaros insetívoros.

No quintal de Hideko também foram plantadas algumas frutíferas como a pitangueira e a jabuticabeira, que além de serem deliciosas ao nosso paladar, também adoçam os bicos de sabias, saíras e tantas outras aves que por lá aparecem o ano todo. Na última primavera, Hideko foi agraciada com a construção de três ninhos em seu quintal. Dois deles feitos por tico-ticos e outro pelo sanhaço-cinzento. Os ninhos foram construídos nos podocarpus, espécie de planta utilizada na formação de cerca viva. Quando plantados com espaçamento pequeno de uma muda para a outra, o *podocarpus* forma rapidamente uma densa parede verde, atraindo várias aves que gostam de nidificar nesse tipo de local, pra sorte de nossa amiga Hideko.

Obrigado Hideko, por dividir um pouquinho da história de seus quintais com a gente e por oferecer alimento e abrigo para as criaturas aladas que tanto amamos.

Se o amigo leitor quiser ver a história de seu quintal aqui em nossa revista, escreva pra gente, contato@revistapassarinhando.com.br. ■

Lista das espécies

1 - gavião-de-rabo-branco, *Geranoaetus albicaudatus*

2 - rolinha-roxa, *Columbina talpacoti*

3 - pombão, *Patagioenas picazuro*

4 - pomba-de-bando, *Zenaida auriculata*

5 - alma-de-gato, *Piaya cayana*

6 - rabo-branco-acanelado, *Phaethornis pretrei*

7 - beija-flor-tesoura, *Eupetomena macroura*

8 - besourinho-de-bico-vermelho, *Chlorostilbon lucidus*

9 - pica-pau-branco, *Melanerpes candidus*

10 - pica-pau-verde-barrado, *Colaptes melanochloros*

11 - pica-pau-do-campo, *Colaptes campestris*

12 - pica-pau-de-banda-branca, *Dryocopus lineatus*

13 - caracará, *Caracara plancus*

14 - acauã, *Herpetotheres cachinnans*

15 - carrapateiro, *Milvago chimachima*

16 - periquito-rei, *Eupsittula aurea*

17 - tuim, *Forpus xanthopterygius*

18 - maria-preta-de-penacho, *Knipolegus lophotes*

19 - primavera, *Xolmis cinereus*

20 - gralha-do-campo, *Cyanocorax cristatellus*

21 - corruíra, *Troglodytes musculus*

22 - japacanim, *Donacobius atricapilla*

23 - sabiá-barranco, *Turdus leucomelas*

24 - sabiá-do-campo, *Mimus saturninus*

25 - tico-tico, *Zonotrichia capensis*

26 - tico-tico-do-campo, *Ammodramus humeralis*

27 - chopim-do-brejo, *Pseudoleistes guirahuro*

28 - vira-bosta, *Molothrus bonariensis*

29 - sanhaço-cinzento, *Tangara sayaca*

30 - tipio, *Sicalis luteola*

31 - tico-tico-rei, *Lanio cucullatus*

32 - bico-de-lacre, *Estrilda astrild*

33 - tico-tico-do-campo, *Ammodramus humeralis*

34 - tucanuçu, *Ramphastos toco*

35 - seriema, *Cariama cristata*



Tucanuçu é o maior representante da família dos ranfastídeos e vem sendo observado com maior frequência nos centros urbanos devido ao desmatamento de áreas naturais. Em busca de alimento, visitam ruas bem arborizadas que contenham árvores frutíferas e palmeiras que muitas vezes são usadas no paisagismo desses locais. É o único ranfastídeo brasileiro que não vive exclusivamente em áreas de florestas. O que mais chama a atenção no tucanuçu é seu bico de tamanho desproporcional em relação ao seu corpo, o que nos dá a impressão de que a ave tem de fazer muita força para voar carregando imenso bico. Na verdade a estrutura do bico é muito leve, seu interior é poroso e se observado contra a luz chega a ser translúcido. Mesmo as pessoas que não tem o hábito de observar as aves, quando veem um tucanuçu, ficam muito interessadas em acompanhar o seu voo. Já pude observar na fazenda em que trabalho, um grupo de tucanuçus composto por 11 indivíduos, todos pousados ao mesmo tempo numa velha paineira, belo espetáculo da natureza.

Família: Ramphastidae

Outros nomes populares: tucano-toco, tucano-boi

Nome científico: *Ramphastos toco* Statius Muller, 1776

Nome em inglês: Toco toucan

Estado de conservação: Pouco preocupante

Características: Mede 56 centímetros de comprimento da ponta do bico à ponta da cauda e pesa em média 540 gramas. Como se já não fosse suficiente apenas o tamanho do bico para chamar atenção, o mesmo ainda possui um colorido berrante composto de tons amarelo e cor de laranja com uma mancha ovalada negra na ponta. É ainda serrilhado e cortante, usado com destreza para arrancar pedaços de frutos. O tucanuçu possui a área em volta dos olhos desprovida de penas e tingida de cor de laranja contrastando com uma linda íris azul. O papo e o uropígio brancos se destacam em relação ao restante do corpo, que é coberto por penas negras. Possui ainda algumas penas vermelhas no crisso. Possuem pernas e pés muito fortes. Sua vocalização é de fácil



tucanuçu, *Ramphastos toco*

Foto: Jefferson Silva

memorização, consiste de um ronco baixo e profundo, rrrro-rrro.

Alimentação: Comem frutas, tanto as silvestres, como as cultivadas, e apreciam muito os frutos de várias espécies de palmeiras, principalmente os do gênero *Euterpes* (jussara e açai). Comem também grandes insetos e pequenos vertebrados. Quando arrancam um coquinho de palmeira ou mesmo nacos de outras frutas utilizando seu longo bico como pinça, fazem um rápido movimento com a cabeça para jogar a comida da ponta do bico diretamente para o esôfago.

Costumam “roubar” dos ninhos ovos e filhotes de outras espécies de aves para devorá-los. Quase nenhum tipo de ninho escapa da curiosidade faminta dos tucanuçus, eles vasculham desde ocos de pica-paus até pequeninos ninhos pendurados nos galhos das árvores.

Reprodução: Fazem seus ninhos em ocos de árvores, palmeiras, cupinzeiros e até em barrancos. Seu bico, embora muito duro, não serve para cavar a madeira quando utilizam-se de árvores para nidificarem, restando-lhe a tarefa de alargar o local através da remoção de lascas. Botam de 2 a 4 ovos que são incubados pela fêmea por 16 dias em média.



Ao macho, resta zelar pela companheira alimentando-a e protegendo a área do ninho durante a incubação. O casal alimenta os ninhegos em conjunto. Quando se tem um ninho de tucanuçu por perto fica fácil encontrar o local exato, pois os filhotes pedincham insistentemente por comida mesmo quando os pais não estão por perto.

Hábitos: Habitam os cerradões, áreas rurais, campos com árvores esparsas e áreas urbanas arborizadas. Podem ser observados aos casais ou em grandes grupos. Geralmente quando os filhotes saem dos ninhos formam pequenos bandos familiares. Possuem o hábito de pousar em grupo em árvores altas e isoladas, onde ficam inquietos, vocalizando e movimentando-se entre os galhos. O tucanuçu, assim como os outros membros da família Ramphastidae, “dobra-se” de maneira peculiar quando se recolhe para dormir, colocando sua cabeça e bico virados para trás, apoiados em seu corpo e dobrando sua cauda em cima desse conjunto, o que dá a impressão da ave perder dois terços do seu tamanho.

Distribuição geográfica: Especialmente Brasil Central e algumas áreas da Amazônia. Não ocorre no litoral nordestino.

Onde observar: O tucanuçu é fácil de ser encontrado em

regiões rurais das cidades de sua área de ocorrência. Já presenciei e ouvi muitos relatos de pessoas que os observam atravessando por cima de rodovias, buscando o outro lado do capão de mata cortado pela estrada. O tucanuçu também pode se acostumar a comer frutas oferecidas em comedouros em áreas bem tranquilas onde se sinta seguro. ■



Foto: Geiser Trivelato

Sanã-amarela

Pertence à família dos ralídeos, que compreende as saracuras e frangos d'água. A sanã-amarela é um animal naturalmente raro, existem poucos registros documentados para essa espécie. Pequena e muito tímida, observá-la é um grande desafio. Vive embrenhada em alagadiços, forrageando na vegetação aquática. Seu nome científico deriva de um nome vietnamita usado para identificar um pequeno frango d'água local; sforzana. Do latim; flavus = amarelo, e ventris, venter = barriga, tem-se “pequeno frango d'água de barriga amarela”.

São reconhecidas cinco raças geográficas (subespécies) dessa espécie:

- *Porzana flaviventer flaviventer* (Boddaert, 1783) - ocorre do Panamá até as Guianas, no Leste do Brasil, Paraguai e no Norte da Argentina;
- *Porzana flaviventer gossii* (Bonaparte, 1856) - ocorre nas Ilhas de Cuba e da Jamaica;
- *Porzana flaviventer hendersoni* (Bartsch, 1917) - ocorre nas Ilhas de Hispaniola e Porto Rico;
- *Porzana flaviventer woodi* (Van Rossem, 1934) - ocorre do Sul do México até o Noroeste da Costa Rica;
- *Porzana flaviventer bangsi* (Darlington, 1931) - ocorre na porção tropical do Norte da Colômbia.





sanã-amarela, *Porzana flaviventer*

Foto: Norton Santos

Família: Rallidae

Nome científico: *Porzana flaviventer* (Boddaert, 1783)

Nome em inglês: Yellow-breasted Crake

Estado de conservação: Pouco preocupante

Características: Ao lado de *Coturnicops notatus* (13 cm) é uma das menores representantes da família Rallidae, possuindo 14 centímetros de comprimento. Macho e fêmea não apresentam dimorfismo sexual. Possuem uma faixa branca bem marcante no supercílio, asas rajadas de negro e o restante do corpo é amarelo pardacento. Como todas as saracuras, possuem dedos compridos, adaptados para caminhar sobre a vegetação aquática.

Alimentação: Comem sementes de capim, insetos e larvas.

Reprodução: Pouco se sabe sobre a reprodução dessa espécie. Sabe-se que constroem seus ninhos no solo, próximos a vegetação aquática. Os ovos são de cor creme com pequeninas pintas de cor castanho e cinza

Hábitos: São encontrados em locais alagados como arrozais, brejos e várzeas.

Distribuição geográfica: Ocorre nos estados de Alagoas, Amapá, Amazonas, Maranhão, Mato Grosso do

Sul, Minas Gerais, Pará, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Ceará. Em 2006, durante trabalho de campo na cidade de Ilhéus, Bahia, para pesquisar hábitos do falcão-peregrino, *Falco peregrinus* (Falconidae), o pesquisador Sávio Drummond encontrou uma cabeça de sanã-amarela em meio aos restos de presas capturadas por esse falcão. Até então, o único registro dessa pequena sanã para o estado.

Onde observar: Na cidade de Piracicaba/SP, há um bairro chamado Tanquã. Nesse bairro, existe um alagadiço formado por águas oriundas do rio Piracicaba em função da barragem de Barra Bonita. Esse local também é chamado de “Pantanal Piracicabano” em alusão ao Pantanal mato-grossense, pois nele vivem várias espécies de fauna e flora também existentes no bioma Pantanal. O bairro do Tanquã possui acesso através da estrada que liga o município de Piracicaba a Anhembi (SP - 147). ■

Bibliografia

SICK, H.

Ornitologia Brasileira
2ª edição, Rio de Janeiro,
Editora, Nova Fronteira, 1997.

SIGRIST, T.

Avifauna Brasileira
1ª edição, São Paulo,
Editora Avis Brasilis, 2009

WILLIS, Edwin O. & Yoshika Oniki.

Nomes gerais para aves brasileiras.
Gráfica da Região, Américo Brasiliense, 1991

Wikiaves, A enciclopédia das Aves brasileiras

<http://www.wikiaves.com.br/tucanuçu>

<http://www.wikiaves.com.br/sanã-amarela>

Acessado em 28-12-2014.

150 km de estrada, 9 águias-chilenas

No feriadão de corpus christi, o COA de Porto Alegre fez uma viagem para o Parque Estadual do Espinilho, em Barra do Quaraí/RS.

Na ida, quatro membros do COA avistaram um indivíduo adulto e um jovem de águia-chilena, *Geranoaetus melanoleucus*, pouco antes de Uruguaiana. Na volta, uma surpresa: o mesmo grupo dos 4 membros do COA avistou 9 indivíduos de águia-chilena, de Barra do Quaraí até um pouco depois de Uruguaiana, aproximadamente 150km.

Ainda no território do município de Barra do Quaraí o primeiro indivíduo observado foi um adulto.

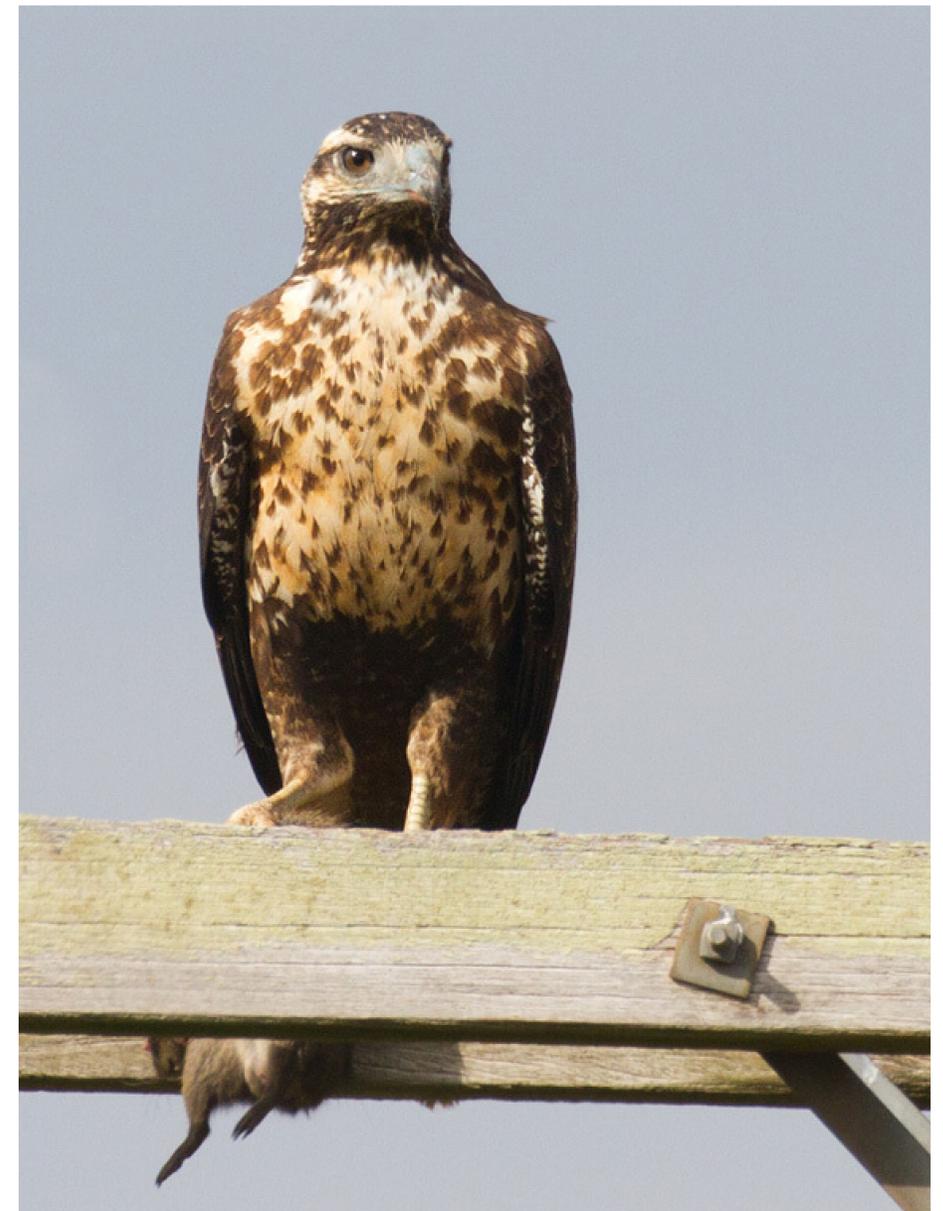
Já foi legal, afinal avistar uma águia-chilena não acontece toda hora. A foto foi feita às 09:52h.

Continuando na estrada, já no território da cidade de Uruguaiana, mais um indivíduo foi avistado, o segundo. Desta vez foi um jovem. A foto foi feita às 11:36h.

Veja que esse jovem tinha conseguido o almoço já, uma preazinha.



Indivíduo 1



Indivíduo 2

Continuando a volta para Porto Alegre, e às 11:45h um casal foi observado voando, e 11:47 foi feita a foto abaixo. Terceiro e quarto indivíduos avistados, dois adultos voando, muito provavelmente um casal.

Esse ponto foi muito próximo de onde um adulto e um jovem haviam sido registrados no dia 04/06, na chegada a região.



Indivíduo 3

Mais estrada e poucos metros depois, mais uma parada. Um indivíduo jovem pousado, todos desceram do carro para fotografar. Três pessoas foram até o bicho, pousado em um poste. Jefferson ficou próximo ao carro, e às 11:51, fez a foto abaixo no momento que o bicho saiu voando. Esse foi o quinto indivíduo observado.



Indivíduo 5

Mais alguns quilômetros rodados, mais um avistamento, às 12:15h, mais um jovem. O sexto indivíduo avistado.

Esse ficou pousado por um bom tempo, e permitiu uma grande aproximação.

Foram feitas diversas fotos, algumas a uma distância bem pequena do bicho, que não se importou e continuou pousado.



Indivíduo 6

Novamente na estrada, novamente uma parada. Às 12:32 mais um indivíduo jovem avistado, o sétimo do dia.

Esse estava em um poste com muito fios, foi feita foto somente para registro. O local não permitia uma aproximação a ponto da foto ficar melhor, com menos fios visíveis.



Indivíduo 7

Pé na estrada, muitos quilômetros ainda para chegar em Porto Alegre, já atrasados por tantas paradas, e eis que mais um indivíduo é avistado.

Novamente um jovem, que também permitiu uma aproximação bem grande. Às 12:41h foi feito o registro do oitavo indivíduo.



Bom, como o dia era da águia-chilena, o grupo do COA POA ainda teve a sorte de mais um avistamento, o nono indivíduo do dia.

Isso foi às 12:40h, e essa foto abaixo foi feita às 12:53.

Muito interessante observar tantos indivíduos em tão pouco tempo, e entre os 9, 6 jovens, o que mostra que na região a águia-chilena parece não ter problemas para procriação.



Primeiro registro de Corujinha-do-sul (*Megascops sanctaecatarinae*) para o estado de SP

Foram feitos os primeiros registros de indivíduos da espécie corujinha-do-sul, *Megascops sanctaecatarinae* (Salvin, 1897), para o estado de São Paulo. Tanto registros fotográficos como sonoros foram feitos nas imediações do Parque Estadual Intervales, no município de Ribeirão Grande/SP.

Os indivíduos em questão já haviam sido observados há algum tempo e identificados erroneamente como da espécie corujinha-sapo, *Megascops atricapilla* (Temminck, 1822), porém análise comportamental e dos registros sonoros não deixaram dúvidas de que se tratava de outra espécie.

Esse é um importante registro, já que é o primeiro para o Estado de São Paulo e ampliou o limite norte da distribuição conhecida da espécie, que ocorre na região Sul do país, além do Uruguai e nordeste da Argentina.

Após os registros iniciais, outros indivíduos foram encontrados nas mesmas imediações, sugerindo que a espécie possa ocorrer em uma área mais ampla a partir do Parque Estadual Intervales para outras regiões, possivelmente para o Sul.

A corujinha-do-sul é a maior espécie do gênero e pode habitar florestas, áreas semiabertas, florestas de araucárias e capoeiras, sendo simpátrica com as espécies corujinha-do-mato, *Megascops choliba* (Vieillot, 1817), e corujinha-sapo.



Foto: Norton Santos

Maior ave oceânica do mundo, com impressionantes 3,5 metros de envergadura, avistada em Ilhabela/SP

Nem o mais otimista dos passarinhos poderia esperar a ave que foi encontrada durante uma saída pelágica organizada pelo fotógrafo e guia Octavio Campos Salles na manhã do dia 28 de junho: um albatroz-gigante, *Diomedea exulans*! O mais incrível é que a ave estava dentro do canal de São Sebastião, a poucos metros das praias de Ilhabela/SP.

A espécie é a maior ave oceânica do mundo, com impressionantes 3,5 metros de envergadura e até 11 kg de peso. Foi registrada relativamente poucas vezes no Brasil, sempre muito longe do litoral nas águas frias da região Sul. A população mais próxima nidifica na ilha Geórgia do Sul e, em suas jornadas de alimentação,

frequentemente dão a volta ao mundo, enfrentando as adversidades dos mares austrais.

Segundo Octavio, “a ave, um provável macho em plumagem de reprodução, deve ter se desorientado por alguma razão e foi parar naquele local totalmente improvável. Como quase não havia vento ele não conseguia voar, então estava boiando, mas aparentemente saudável. Inclusive comeu alguns peixes que jogamos na água”.

No dia seguinte a ave continuou na região do canal e foi recolhida pela equipe do Aquário de Ubatuba, onde biólogos e veterinários pretendem recuperá-la para posterior liberação em alto-mar.





albatroz-gigante, *Diomedea exulans*

Foto: Octávio Campos Salles



albatroz-gigante, *Diomedea exulans*

Foto: Octávio Campos Salles

Primeiro registro de noivinha-branca (*Xolmis velatus*) para o estado do RS

O observador de aves Charles Bouffleur, de Cruz Alta/RS, fez o primeiro registro da noivinha-branca, *Xolmis velatus*, para o estado do Rio Grande do Sul. O gênero *Xolmis* é exclusivo da América do Sul e compreende sete espécies, das quais, seis ocorrem em território nacional.

A noivinha-branca é considerada ave migratória, mas assim como seus parentes do gênero *Xolmis*, realiza movimentos migratórios irregulares dentro de sua área de distribuição, sendo comum observá-la em alguns locais durante alguns anos e depois desaparecerem. É fato que nas últimas décadas, essa espécie vem aumentando a sua área de distribuição ao sul. Teve seu primeiro registro para o estado de Santa Catarina em 1992, no município de Matos Costa, próximo a divisa com o estado do Paraná, anos seguintes foi observada cada vez mais ao sul de SC, e no mês passado, julho de 2015, teve seu primeiro registro para o estado do Rio Grande do Sul.

Charles estava observando aves na estrada para Lagoão, ainda no município de Cruz Alta, a apenas 5km da cidade, quando observou a ave. Segundo contou Charles, havia um único indivíduo, que por estar se alimentando de uma larva, permitiu boa aproximação para o registro fotográfico.



Foto: Charles Bouffleur



Foto: Charles Bouffleur

Chapada dos Veadeiros: várias fitofisionomias, dezenas de cachoeiras, trilhas, morros e paisagens. centenas de espécies de pássaros, milhares de histórias...

Venha viver uma Aventura na **savana** brasileira



Pacotes
ecoturísticos



Roteiros de
Birdwatching



Expedições



Hospedagem



Translados



ECOROTAS
TURISMO



reservas@ecorotas.com.br



facebook.com/ecorotas



62 3446 1820

www.ecorotas.com.br

Visitante inesperado

A Fazenda Santa Elisa, localizada na cidade de Campinas/SP, abriga campos de pesquisa agrícola do Instituto Agrônomo (IAC) além de pequenas áreas remanescentes de cerrado e mata atlântica, já bem perturbadas. O biólogo e observador de aves Jefferson Otaviano começou a trabalhar na Fazenda Santa Elisa em 2004, mesma época que despertou para a observação de aves. Nos quase 700 hectares de terra da fazenda já identificou mais de 180 espécies de aves. Jefferson nos disse que quando ele fala para as pessoas que esse número é equivalente a 10% da avifauna nacional visitando uma área que está encravada em meio urbano, as pessoas ficam perplexas. Dessa forma ele tenta chamar a atenção para a importância de se preservar e/ou criar áreas verdes dentro das cidades.

A área cujo está localizado o prédio que atualmente Jefferson trabalha no IAC, pertence à antiga seção que pesquisava frutas tropicais. Existem por lá, várias espécies de árvores frutíferas oriundas da época de pesquisa, que acabam atraindo muitas aves. Ano passado, por exemplo, ele avistou pela primeira vez na fazenda um sabiá-ferreiro (*Turdus subalaris*), que veio atrás dos abacateiros.

No mês passado, mais precisamente no dia 11-06-2015, quando observava alguns tiranídeos alimentando-se nos açazeiros, Jefferson viu um vulto preto passar voando, e pousar por alguns segundos na escuridão da sombra dos abacateiros. Pela postura, suspeitou que fosse um pavó (*Pyroderus scutatus*), mas sem ter certeza. Nesse mesmo dia, pediu a Dona Fia, uma senhora que trabalha com ele, e que conhece muito de natureza, que o ajudasse a ficar “de olho” nos açazeiros. Disse da possível visita de uma ave grande e preta com peito vermelho. E não é que deu certo! No dia 08/07/2015, dia escuro e chuvoso, Jefferson nos conta que ouviu de longe um grito de Dona Fia “CORRE AQUI”... E lá estava, o lindo e inesperado pavó.

Difícil imaginar um pavó ali na Fazenda Santa Elisa, pois

é uma ave que prefere áreas de mata mais preservadas. Não é uma ave migratória e é pouco provável que seja residente da área pela falta de habitat adequado.

No ano de 2007, no mesmo mês de julho, um observador de aves de Campinas registrou o pavó uma única vez, na área da fazenda do círculo militar, que faz divisa com a Fazenda Santa Elisa (IAC). Na

época, ele atribuiu esse avistamento a provável soltura de cativo, mas agora que o pavó apareceu novamente nessa mesma área e na mesma época do ano, vemos a possibilidade dessa espécie estar se deslocando de sua área de residência a procura de alimento. O pavó já foi registrado em Campinas a 25 km de distância dali, no distrito de Joaquim Egídio, mas numa área ainda bem preservada, a mata do observatório de Capricórnio.

Será que ele poderia estar vindo dali para se alimentar no IAC?

Outra hipótese seria a Mata de Santa Genebra, considerada Área de Relevante Interesse Ecológico (ARIE), que fica a 7 km de distância da Fazenda Santa Elisa, embora nos registros de levantamentos de avifauna já realizados na ARIE Mata de Santa Genebra por: WILLIS, E.O., 1979, PIRATELLI, A. J., 1993, GALETTI, M. & PIZO, M. A., 1996, ALEIXO, A. & VIELLIARD, J. M. E., 1995, FERREIRA, A. 2008, não possuam registro de pavó.

Fica então a deliciosa e inquietante dúvida que só faz aumentar a nossa curiosidade e paixão por saber mais sobre essas maravilhosas criaturas da natureza.

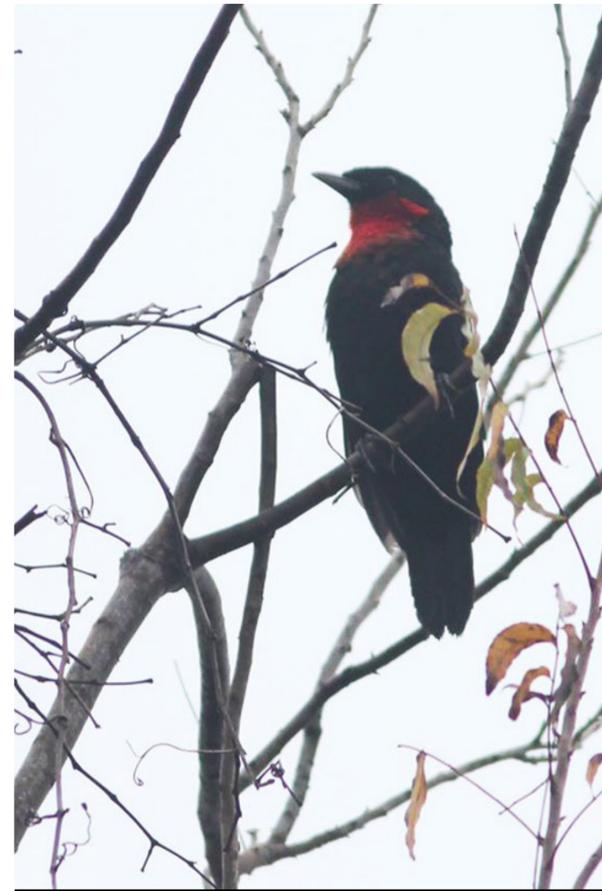


Foto: Jefferson Otaviano



Nessa edição apresentamos o guia Jefferson Bob, da cidade cearense de Potengi.

Jefferson guia na famosa Chapada do Araripe.

Quando e como começou sua relação com as aves / natureza?

Minha relação com as aves e a natureza vem da infância, quando costumava ir passar minhas férias escolares no Sítio Pau Preto, na casa dos meus avós. Eu gostava muito de tudo aquilo, o som do chocalho do gado, o canto das aves, os contos do sertão. Muito do que ouvi durante minha vida, faz parte de uma espécie de mitologia sertaneja, que observando melhor, muito está ligado ao universo das aves, um bom exemplo é o canto da Acauã, que segundo a crença popular, quando canta nas tardes de verão, representa ano de seca.

Quando começou a guiar observadores de aves?

Uma vez, ainda na década passada, tentei fazer uma lista de espécies, mas, não obtive sucesso por falta de conhecimento, até que em 2010, consegui comprar uma câmera Canon SX200IS (12x de zoom), e foi aí que comecei a registrar as aves daqui, logo depois descobri o Wikiaves, e comecei as postagens das fotos, e fui aprendendo aos poucos. Como sempre gostei dessa área, concluí em 2010 o curso de Biologia, sempre buscando grupos de pesquisa na área de Ornitologia, foi difícil encontrar. Em 2012 conheci Weber Girão, um grande Ornitólogo que mora aqui na minha região, e com ele descobri muito da avifauna aqui da Chapada do

Araripe. Em novembro de 2013 Weber me liga, dizendo que está mandando um grupo para observar aves comigo, foi ali que comecei a guiar, no ano de 2014 já tive uma agenda boa de guiadas, e tem aumentado a cada dia os visitantes interessados em aves da caatinga, que procuram a região da Chapada do Araripe e arredores.

Qual equipamentos você utiliza?

Câmera SX50HS, um laser verde de camelô, um celular e caixa bluetooth para playback.

Quais seus destinos principais, e por quê?

Meu destino principal é a Chapada do Araripe, prefiro guiar aqui por conhecer bem e morar aqui, porém, estou ampliando os roteiros para duas outras regiões, a Serra de Baturité aqui no Ceará, e Canudos – Ba.

Quais os principais roteiros seus nesses destinos para observação de aves?

Nos roteiros fazemos uma visita a uma Floresta Úmida, que está na encosta da Chapada do Araripe, passamos em uma região no alto da chapada, com uma vegetação arbustiva, entrelaçada, que conhecemos como Carrasco, e seguimos para uma Mata Seca na cidade de Araripe, onde concentram-se a maioria das aves que mostro para os visitantes, ainda nesse roteiro visitamos o



soldadinho-do-araripe, *Antilophia bokermanni*



torom-do-nordeste, *Hylopezus ochroleucus*

Sítio Pau Preto em Potengi, que é o Sítio da minha família, e local muito bom para ver alguns bichinhos da caatinga.

Como você organiza as guiadas (logística, número de dias, número de participantes, etc) ? Que espécies podem ser encontradas?

As pessoas contratam meus serviços de guia, e faço as indicações de locais de hospedagem e refeições. Atualmente tenho desenvolvido pacotes, que já está incluso *transfer* do aeroporto, refeições, hospedagem, serviços de guia, veículo e combustível, esses pacotes variam de valores e de duração, funcionam de 03 a 07 dias, costumo trabalhar com grupos de 03 participantes, e os valores por pessoa no pacote estão entre R\$ 1200 a R\$ 2000 nesse ano de 2015.

No roteiro da Chapada do Araripe, temos boas possibilidades de encontrar o soldadinho-do-araripe (*Antilophia bokermanni*), torom-do-nordeste (*Hylopezus ochroleucus*), piu-piu (*Myrmorchilus strigilatus*), bico-virado-da-caatinga (*Megaxenops parnaguae*), João-xique-xique (*Synallaxis hellmayri*), tiê-caburé (*Compsothraupis loricata*), bacurauzinho-da-caatinga (*Hydropsalis hirundinacea*), periquito-da-caatinga (*Eupsittula cactorum*) choca-do-nordeste (*Sakesphorus cristatus*), casaca-de-couro (*Pseudoseisura cristata*),



vira-folha-cearense, *Sclerurus cearensis*

papa-moscas-do-sertão (*Stigmatura napensis*), pica-pau-anão-pintado (*Picumnus pygmaeus*), rabo-branco-de-cauda-larga (*Anopetia gounellei*), entre muitos outros.

Qual foi sua maior emoção vivida durante uma passarinhada, e por quê?

Um momento que considero muito, foi o dia que presenciei um Tico Tico do Campo sendo predada por uma jibóia, foi um daqueles dias que o coração falta sair pela boca, já avistei a cena no susto, quando percebi estava a 2 metros, tentava fotografar o Tico Tico que provavelmente era o par do que estava sendo predado, e quando percebo, a cobra um pouco abaixo tentando engolir a outra ave. Foi muito forte, fiquei em média uma hora e meia naquela cena lenta, fiz centenas de fotos.

Qual espécie é seu sonho de consumo?

Uma espécie que quero muito ver é o Gavião Real (*Harpia harpya*).

Informações de contato

Jefferson Bob
(88) 9-9204-2146
araribirding@gmail.com
bobptg65@gmail.com
www.facebook.com/bobptg



Serra da Canastra, recanto de aves raras, cachoeiras e lindas paisagens



Serra da Canastra

Localizada no sudoeste de Minas Gerais, encontra-se uma formação singular onde duas serras se erguem lado a lado em pleno bioma cerrado. São as Serras da Canastra e Babilônia que têm suas terras divididas entre seis municípios mineiros: São Roque de Minas e Sacramento na Serra da Canastra, Delfinópolis, São João Batista do Glória e Capitólio na Serra da Babilônia. E ainda Vargem Bonita que está localizada bem no vale onde corre o Rio São Francisco entre as duas serras.

Um parque nacional foi criado em 1972 para proteger esta área rica em nascentes, flora e fauna inicialmente com mais de 200 mil hectares, mas apenas os 70 mil hectares da parte de cima da Serra da Canastra foram regularizados até o momento. Os outros 130 mil hectares na Serra da Babilônia seguem como áreas pertencentes ao parque que ainda aguardam pela regularização de suas terras.

Nesta matéria vou me referir mais a área que já é considerada parque nacional que compreende apenas a Serra da Canastra e que podemos dividir entre parte alta e parte baixa da serra. É nesta área que tem mais de

80% de suas terras dentro do município de São Roque de Minas e os outros 20% divididos entre Vargem Bonita e Sacramento que eu frequento ou como fotógrafo ou como guia de observadores de aves desde 2005. Perdi a conta das inúmeras vezes que já fui a Canastra e algo que me surpreendeu foi que a cada nova visita, mais me apegava ao local. Hoje considero a Canastra praticamente como minha segunda casa tamanha a afeição.

Vida simples, povo hospitaleiro, local tranquilo sem agitação das cidades grandes, com água e ar puros, jeito mineiro de ser com um clima agradável me conquistaram! Queijo produzido no entorno da serra é famoso no Brasil e no mundo. Carne de porco conservada na banha dentro da lata e sem refrigeração são coisas da Canastra. Vilarejos que parecem parados no tempo, com aquela vida pacata e tranquila e com seus moradores sendo personagens únicos ainda resistem no entorno da serra!

Mas o principal motivo de minha ida para lá há cerca de 10 anos atrás foram as riquezas biológicas, principalmente a fauna.

A área tem a predominância do cerrado com algumas manchas de mata atlântica (esta 2ª principalmente na parte baixa da serra seguindo o curso dos rios). No alto da serra, onde as altitudes do alto do chapadão alcançam mais de 1400m os campos limpos predominam a se perder de vista, mas campos rupestres que são áreas mais rochosas, campos sujos e cerrados típicos estão representados, além das já citadas ilhas de mata que aparecem onde geralmente tem uma nascente de maior porte.

É no alto da Canastra que está localizada a nascente do maior rio unicamente brasileiro, que é o São Francisco. Ele nasce aí para ir desaguar no oceano atlântico 2800km depois, atravessando Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Sergipe e Alagoas.

Nesta vegetação baixa dos campos de altitude da serra, inúmeras aves raras e ameaçadas fazem sua morada.

galito, *Alectrurus tricolor*

Utilizam o capim praticamente para tudo, fazendo dele local de alimentação, reprodução e habitat.

Por isso, muitas espécies se adaptaram para viver no chão, andam rapidamente pelo solo, caçando ou fugindo de predadores. Nestes campos, quase sem árvores por perto e cheios de cupinzeiros de todos os tamanhos, vivem o Andarilho (*Geositta poeciloptera*), o tico-tico-de-máscara-negra (*Coryphas piza melanotis*), o caminheiro-grande (*Anthus nattereri*), a campainha-azul (*Porphyrospiza caerulescens*), a corruíra-do-campo (*Cistothorus platensis*), o meia-lua-do-cerrado ou tapaculo-de-colarinho (*Melanopareia torquata*), o canário-rasteiro (*Sicalis citrina*), o caminheiro-de-barriga-acanelada (*Anthus hellmayri*), o canário-do-campo (*Emberizoides herbicola*), o tico-tico-do-campo (*Ammodramus humeralis*), a perdiz (*Rhynchotus rufescens*), a codorna-amarela (*Nothura maculosa*), o inhambu-carapé (*Taoniscus nanus*), a maxalalagá (*Micropygia schomburgkii*) e o galito (*Alectrurus tricolor*). Nos arbustos próximos a pequenos cursos d'água, se esconde o tapaculo-de-brasil (*Scytalopus novacapitalis*), o pula-pula-de-sobrancelha (*Myiothlypis leucophrys*), o limpa-folha-do-brejo (*Syndactyla dimidiata*).

Nas árvores retorcidas do cerrado típico na canastra

pato-mergulhão, *Mergus octosetaseus*

vivem a bandoleta (*Cyprina hirundinacea*), a cigarra-do-campo (*Neothraupis fasciata*), o pica-pau-chorão (*Veniliornis mixtus*), o papagaio-galego (*Alipiopsitta xanthops*), o suriri-da-chapada (*Suiriri islerorum*), a águia-cinzenta (*Urubitinga coronata*). Na mata ciliar mais densa o Soldadinho (*Antilophia galeata*). Nos penhascos e encostas íngremes da serra a águia-chilena (*Geranoaetus melanoleucus*), o urubu-rei (*Sarcoramphus papa*), o sanhaçu-de-fogo (*Piranga flava*) e o capacetinho-do-oco-do-pau (*Poospiza cinerea*) são as mais representativas.

Mas não podemos deixar de falar em Serra da Canastra sem mencionar a maior raridade do local. Nela vive a maior população conhecida do criticamente ameaçado pato-mergulhão (*Mergus octosetaseus*). Estima-se uma população total desta espécie em umas poucas centenas e a área do parque nacional da Serra da Canastra e seu entorno é fundamental para a conservação da espécie. O pato-mergulhão precisa de água cristalina e com corredeiras para viver. Seu principal alimento são os lambaris, e o pato se utiliza de um método de caça em que a água tem que estar muito limpa e cristalina, pois eles nadam na superfície enfiando apenas a cabeça embaixo d'água e quando enxergam os cardumes dos pequenos peixes, daí sim eles mergulham para tentar

tamanduá-bandeira, *Myrmecophaga tridactyla*

capturá-los. Portanto, águas com boa visibilidade e totalmente livres de qualquer poluição serão sempre necessárias para a ocorrência e sobrevivência desta espécie tão exigente. Talvez isso explique a sua raridade, já que pontos assim com estas características estão cada vez mais escassos em nosso país. Hoje em dia sabe-se de apenas três locais onde o pato-mergulhão ainda pode ser encontrado, a própria Serra da Canastra, o Jalapão, no Tocantins e a Chapada dos Veadeiros, em Goiás. Quanto aos mamíferos, não vou me esquecer jamais de meu primeiro encontro com o tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*). Era um animal que me fascinava desde criança, e foi na canastra que fiquei frente a frente com ele. Hoje nem sei dizer quantas vezes já vi um bandeira por lá, mas como guia me sinto satisfeito de encontrar este belo animal praticamente em toda a viagem que faço à serra. É possível ver dois, três ou quatro tamanduás em apenas uma grande colina se alimentando de cupins no final da tarde dentro do parque nacional e considero a serra da canastra como o melhor lugar do país para ver este bicho.

Em contrapartida, o ameaçado e gigante tatu-canastra (*Priodontes maximus*) que chega a pesar 60 kg é um dos bichos mais difíceis de ver na natureza. Ele ocorre na Canastra, vemos com frequência áreas com terra

remexidas por ele para se alimentar ou os buracos que servem como refúgios subterrâneos, mas somente com muita sorte para avistá-lo fora delas durante o dia, já que a espécie tem hábitos noturnos.

Outro belo animal que podemos encontrar em algumas ocasiões na canastra é o lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*), uma espécie de cachorro selvagem com pernas longas que o fazem ficar mais alto que o capim. Impressionante é ver o guará caçando pequenas aves ou roedores nos campos do alto da serra. Ele usa suas duas grandes orelhas que funcionam como um radar, mexendo elas rapidamente para todos os lados e ao mínimo som produzido pela sua presa ao tentar fugir dentro do capim, ele localiza exatamente o ponto de onde vem o ruído e então dá um grande salto e ao cair com as duas patas da frente em cima do alimento, prende e rapidamente a pega com os dentes. É emocionante observar um lobo-guará ao final do dia caminhando solitário pela imensidão dos campos e com aquela luz dourada antes do sol se pôr!

lobo-guará, *Chrysocyon brachyurus*

veado-campeiro, *Ozotocerus bezoarticus*

Veado-campeiro (*Ozotocerus bezoarticus*), tatu-peba (*Euphractus sexcinctus*), cangambá ou jaratataca (*Conepatus semistriatus*) e lontra (*Lontra longicaudis*) fecham a lista dos mamíferos mais encontrados no parque.

Outra atração que não passa despercebida por nenhum visitante são os canteiros naturais de flores que podem ser vistos em todas as épocas do ano na Canastra. Não tem como não se impressionar com a variedade de cores e espécies floridas. Mas no início da primavera se tiver passado uma queimada por uma área de campo recentemente, uma explosão de vida brota poucos dias depois e verdadeiros jardins naturais de lírios brancos, vermelhos ou rosas, margaridas amarelas, canela-de-ema nas cores roxa ou branca e várias espécies de sempre-vivas enfeitam e deixam o local ainda mais

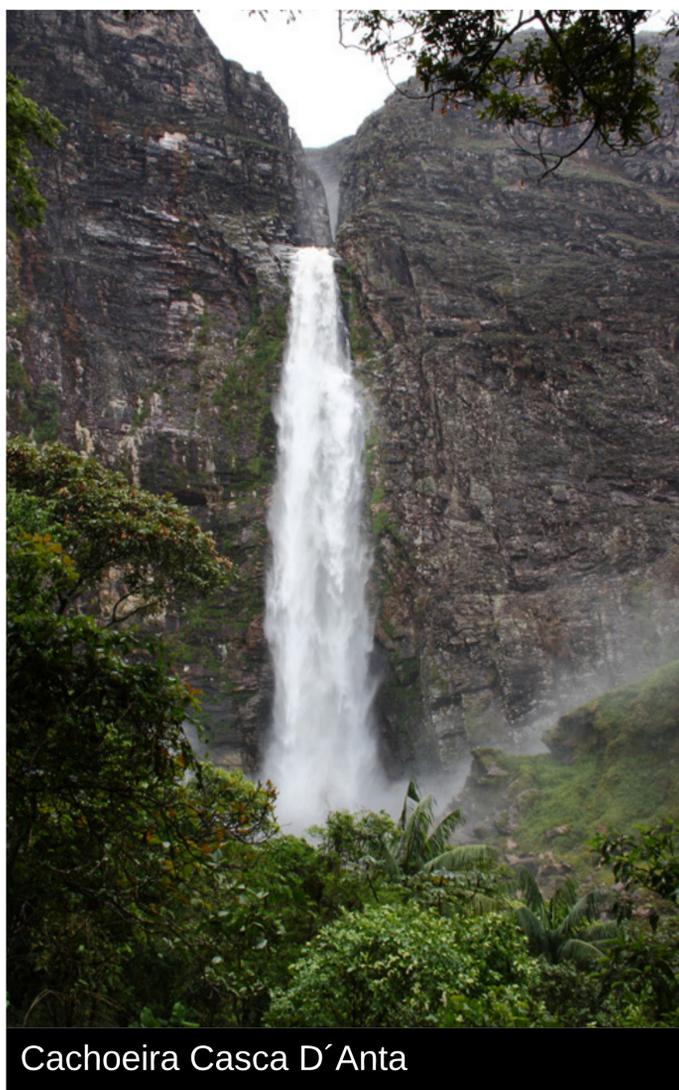
encantador!

O fogo faz parte do local. Praticamente todos os anos algum ponto da canastra queima, mas ao contrário do que muita gente pensa, se ocorrer de forma controlada e que não venha a queimar grandes extensões é uma maneira de renovar. Prova disso é a quantidade de plantas que só aparecem floridas ou com frutos após uma queimada. Outro exemplo, a ave andarilho (*Geositta poeciloptera*) utiliza uma área recém queimada imediatamente para se reproduzir nestes locais, parece que estas áreas oferecem uma maior facilidade para apanhar insetos e conseguir com isso alimentar seus filhotes. Bastam alguns dias após a queimada para brotar uma nova camada de vegetação rasteira bem mais nutritiva e verdinha e os veados-campeiros adoram pastar nestes locais. É claro que queimadas grandes e fora de controle matam muitos animais, mas o cerrado sempre esteve relacionado ao fogo e suas plantas e animais são adaptados a isso. Sem a passagem das queimadas, os campos limpos naturais se transformariam em vegetação arbustiva em alguns anos e depois em mais algum tempo em cerrado, depois cerradão e espécies de aves ameaçadas e raras que necessitam deste tipo de vegetação aberta perderiam habitat!

Quem conhece pela primeira vez a parte alta da serra pode se assustar ao olhar as grandes áreas descampadas do alto do chapadão. Quase não se vê matas e pode-se pensar que aquilo foi desmatado, que não é verdade. Toda a vegetação rasteira é natural e os campos nativos de altitudes são uma das formações vegetais mais raras no país.



Flores na serra da canastra



Cachoeira Casca D'Anta

A Serra da Canastra é também local de incontáveis nascentes. Ao andar fora das estradas no alto da serra é que o visitante se surpreende ao notar que em todo ponto e local onde se vê uma pequena depressão ou vale tem água correndo dentro delas.

O local é uma verdadeira caixa d'água natural. Prova disso são as dezenas de cachoeiras que despencam do alto da Serra. Ao longo de suas vertentes, nos dois lados imensas quedas d'água rompem paredões rochosos em busca do ponto mais baixo.

A famosa cachoeira Casca d'anta com seus quase 200

metros de queda livre talvez seja a mais conhecida por se tratar das águas do Rio São Francisco que 10 km depois de sua nascente, desce pelos íngremes paredões da canastra. Outras lindas cachoeiras como cachoeira do Fundão, cachoeira do Rolinho, cachoeira do Cerradão, cachoeira da Parida, cachoeira da Chinela são apenas alguns exemplos de quedas d'água no local.

Dentro do parque nacional na parte de cima da serra, não existem locais para hospedagem, já que todas as fazendas que ocupavam a área foram desapropriadas com a criação do parque, mas na parte de baixo da serra e no seu entorno, inúmeras opções de hotéis, pousadas e camping são oferecidos para o visitante. A cidade mais bem localizada para quem quer conhecer tanto a parte de cima (parque nacional) como a parte de baixo da serra é sem dúvidas São Roque de Minas, que esta a 12 km da nascente do São Francisco e a 08 km de uma das portarias na subida da serra. Nesta pequena cidade se encontra toda a estrutura necessária como restaurantes, padarias, farmácias, supermercados, bancos e locais de hospedagem. Outras opções são as várias pousadas rurais que encontramos na parte baixa da serra, quase sempre próximas as margens do rio São Francisco em direção a Vargem Bonita que é a primeira cidade banhada pelas águas do famoso rio.





Sempre-viva

Temos ainda dois distritos pertencentes a São Roque de Minas que são São João Batista da Canastra, no alto da serra e ao lado dos limites do parque que é um pequeno vilarejo que também oferece opções de hospedagem e alimentação, e São José do Barreiro, na parte de baixo da serra também com alguma estrutura para turistas.

Por fim, a cidade de Sacramento que apesar da distância de 80 km, também tem uma portaria no alto da serra do outro lado do parque, no sentido contrário ao de São Roque. Sacramento é uma cidade maior e que também pode servir de local de estadia na região da Canastra.

Para chegar a Canastra vindo do estado de São Paulo, as distâncias são de 550 km da capital paulista e 450 km de Campinas/SP. De Belo Horizonte a distância será de 340 km.

Quem vai a serra observar aves deve saber que as distâncias percorridas serão grandes. Para atravessar o parque nacional da portaria de São Roque de Minas até a portaria de Sacramento são praticamente 80 km de estrada de terra, isso fora as estradas secundárias que levam até a cachoeira casca d'anta parte alta, cachoeira rasga canga (Rolinho parte alta), cachoeira do fundão. Na parte baixa também. Para sair de São Roque de Minas e chegar à cachoeira casca d'anta parte baixa da serra, serão 40 km só de ida, também em estradas de

chão. Para sair de São Roque de Minas e ir por baixo da serra até o distrito de São João Batista da Serra da Canastra serão mais 58 km.

Todos são caminhos interessantes para observar e fotografar aves. Vá prevenido também para o caso de chuva, pode ser necessário um veículo 4x4. Na parte baixa da serra as estradas são boas, apenas a chuva em demasia é que pode prejudicar. Já na parte alta da serra recomendo o uso do 4x4 desde o início para evitar aborrecimentos.

Na própria cidade de São Roque de Minas encontramos motoristas que oferecem o aluguel de suas caminhonetes 4x4 para levar turistas ou observadores de aves no parque nacional (parte alta).

Quando ir

Os melhores meses são de agosto a janeiro, quando as aves estão em maior atividade e exuberância. O galito, por exemplo, só apresenta a cauda longa no período de primavera/verão. O período mais difícil para ver as aves é entre março e abril com muitas aves que já se reproduziram antes e algumas trocando as penas. Maio a julho é a época de reprodução do raríssimo pato-mergulhão (*Mergus octosetaceus*) e como chove pouco nestes meses mais frios, isso mantém as águas

tapaculo-de-colarinho, *Melanopareia torquata*



águia-chilena, *Geranoaetus melanoleucus*

cristalinas na Canastra, o que facilita sua ocorrência e visualização.

Enfim, em todos os meses do ano é possível avistar aves, tendo a época que as aves cantam mais de Agosto à Janeiro e a época com menos cantos indo de fevereiro a Julho.

Os feriados e os meses de férias escolares são os períodos menos recomendados, porque o alto fluxo de carros no parque e de turistas nas cachoeiras afugenta os animais da beira das estradas.

Enfim, recomendo para todo amante da natureza conhecer a Serra da Canastra e suas belezas naturais. Um cenário espetacular onde a mistura do relevo, vegetação e águas criam um contraste capaz de encantar qualquer mortal. Se você for também um observador ou fotógrafo de aves então, a Canastra se torna roteiro imperdível, tamanha a variedade de espécies raras em um único local!



inhambu-chororó, *Crypturellus parvirostris*



andarilho, *Geositta poeciloptera*

A lista completa de aves já registradas no Parque Nacional da Serra da Canastra ultrapassa as 400 espécies. Abaixo, lista das mais representativas do local:

gavião-do-banhado	gralha-picaça	graúna
gavião-de-rabo-branco	gralha-do-campo	encontro
águia-chilena	jacuaçu	iraúna-grande
gavião-caboclo	saci	japu
sovi	arapaçu-de-cerrado	chopim-do-brejo
águia-cinzenta	arapaçu-escamado	polícia-onglesa-do-sul
gavião-preto	japacanim	tapaculo-de-colarinho
pato-do-mato	falcão-de-coleira	caminheiro-de-barriga-acanelada
pato-mergulhão	cauré	caminheiro-grande
taperuçu-preto	quiriquiri	canário-do-mato
taperuçu-velho	acauã	pula-pula-de-sobrancelha
taperuçu-de-coleira-branca	fim-fim	mariquita
maria-faceira	pintassilgo	tico-tico-de-bico-amarelo
barbudo-rajado	cochicho	pica-pau-de-topete-vermelho
joão-bobo	barranqueiro-de-olho-branco	pica-pau-de-cabeça-amarela
bacurauzinho	casaca-de-couro-da-lama	pica-pau-branco
bacurau	joão-porca	pica-pau-chorão
bacurau-da-telha	joão-de-pau	picapauzinho-anão
bacurau-tesoura	limpa-folha-de-testa-baia	soldadinho
sanhaçu-de-fogo	ui-pí	tangarazinho
seriema	petrim	rendeira
urubu-de-cabeça-vermelha	limpa-folha-do-brejo	fruxu-do-cerradão
urubu-rei	ariramba-de-cauda-ruiva	patinho
fogo-apagou	andorinha-morena	balança-rabo-de-máscara
pomba-galega	andorinha-azul	papagaio-galego
chupa-dente	andorinha-de-sobre-branco	jandaia-de-testa-vermelha



maitaca-verde	saíra-de-chapéu-preto	beija-flor-tesoura-verde
periquito-rei	cigarra-do-campo	corruíra-do-campo
maracanã-verdadeira	capacetinho-do-oco-do-pau	surucuá-variado
tiriba-de-testa-vermelha	campainha-azul	galito
saracura-três-potes	trinca-ferro-verdadeiro	marianinha-amarela
saracura-sanã	bico-de-pimenta	maria-ferrugem
saracura-do-banhado	bico-de-veludo	papa-moscas-de-costas-cinzentas
tucano-de-bico-verde	canário-rasteiro	papa-moscas-do-campo
tucanuçu	curió	guaracavuçu
ema	caboclinho	chibum
tapaculo-de-brasília	caboclinho-de-barriga-vermelha	guaracava-de-topete-uniforme
abre-asa-de-cabeça-cinza	chorão	tucão
andarilho	caboclinho-de-barriga-preta	lavadeira-de-cara-branca
maçarico-do-campo	baiano	peitica-de-chapéu-preto-
mocho-dos-banhados	caboclinho-branco	tesoura-do-brejo
jacurutu	patativa	gibão-de-couro
caburé	saíra-douradinha	maria-preta-de-penacho-
chorózinho-de-chapéu-preto	saí-andorinha	maria-preta-de-garganta-vermelha
chorózinho-de-bico-comprido	saí-canário	maria-cavaleira-de-rabo-enferrujado
papa-taoca-do-sul	curicaca	guaracava-cinzenta
choró-boi	inhambú-chororó	piolhinho
choca-de-asa-vermelha	codorna-amarela	suiriri-pequeno
tietinga	perdiz	joão-pobre
tico-tico-de-máscara-negra	caneleiro-preto	gritador
bandoleta	anambé-branco-de-rabo-preto	suiriri-da-chapada
canário-do-campo	anambé-de-bochecha-parda	suiriri-cinzento
sabiá-do-banhado	beija-flor-de-peito-azul	suiriri-de-garganta-branca
cigarra-bambu	beija-flor-de-orelha-violeta	primavera
saíra-de-papo-preto	chifre-de-ouro	noivinha-branca
saíra-ferrugem	bico-reto-de-banda-branca	vite-vite-de-olho-cinza
tico-tico-rei-cinza	rabo-branco-acanelado	



Texto: Rogério Machado, Carlos Otávio Gussoni e Helbert Noventa

Em 2014, após meses de observações de corujas (“corujadas”) no município de Rio Claro, decidimos propor um desafio: tentar registrar todas as espécies de corujas do município em um dia. Não era uma tarefa fácil: no município há registro de doze espécies da ordem Strigiformes. Destas doze, onze tem ocorrência confirmada na Floresta Estadual Edmundo Navarro de Andrade (FEENA). Elaboramos uma checklist das corujas do município, um roteiro de observação e estipulamos uma data: 04 de setembro de 2014.

Alguns dias antes da corujada a equipe já estava formada: Carlos Otávio Araujo Gussoni, Gustavo Pinto, Helbert Eduardo Noventa, Murilo Pinto, Norton Santos, Rogério Carlos Machado e Vivian Robinson. Demos início à corujada às 15h00 do dia 04 de setembro. O primeiro ponto a ser visitado era o bairro Mata Negra, onde estávamos monitorando um ninho de jacurutu (*Bubo virginianus*) com dois filhotes. Logo que chegamos ao local nos deparamos com um dos filhotes no ninho e, após alguns minutos de procura, encontramos um adulto nos arredores. Iniciamos bem, com a maior coruja do país. Após algumas fotografias, partimos em busca do mocho-dos-banhados (*Asio flammeus*). No caminho registramos um casal de corujas-buraqueiras (*Athene cunicularia*) em um pasto nos arredores: a segunda espécie de nosso desafio. A busca pelo mocho-dos-banhados não seria fácil: até a data só existia um registro da espécie no município realizado em 10 de maio do mesmo ano. Pouco antes de pararmos o carro no local, o Gustavo, com os olhos treinados para localizar a espécie, já avistou um indivíduo ao longe. Estacionamos o veículo e seguimos em direção ao banhado onde tinha sido registrado no primeiro semestre. Logo que chegamos ao local, lá estava um adulto parado no solo entre os capins. A terceira coruja do desafio, às 17h15, permitiu nossa aproximação e boas fotografias. Contentes com o resultado até o momento, fizemos uma pausa para um lanche e partimos para as observações noturnas.



jacurutu, *Bubo virginianus*

Foto: Norton Santos



mocho-dos-banhados, *Asio flammeus*

Foto: Norton Santos

A primeira parada da corujada noturna foi o campus da UNESP (Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”), localizado no bairro Bela Vista. As chances de adições para a lista eram grandes, já que ocorrem cinco espécies de corujas na área. A primeira coruja registrada no local foi o terceiro indivíduo de coruja-buraqueira do dia.

Após somar esse indivíduo na contagem, partimos em busca das duas corujas-alvo no local: a coruja-orelhuda (*Asio clamator*) e o mocho-diabo (*Asio stygius*). A primeira que apareceu foi a orelhuda. Um indivíduo pousado muito próximo de nós nos arredores do





coruja-orelhuda, *Asio clamator*

Foto: Carlos Gussoni

Departamento de Ecologia. Após o rápido achado, começamos a busca pelo mocho-diabo. Não demorou muito e escutamos um indivíduo vocalizando no meio do capinzal. Fomos em direção aos chamados e localizamos dois indivíduos, um deles a 1,5m do solo, que permitiu



mocho-diabo, *Asio stygius*

Foto: Rogério Machado

uma ótima aproximação. Esta espécie foi *lifer* para o Helbert e era *lifer* para outro integrante da equipe, que não estava conosco ainda e começaria a corujar pouco depois das 20h. Rapidamente pegamos o celular e ligamos para o Rogério, avisando-o destes indivíduos, já

que as corujas estavam há bastante tempo paradas no mesmo local. Infelizmente, ele não conseguiu encontrar conosco naquela hora e partimos para o próximo ponto do roteiro. No caminho para a saída da UNESP registramos mais um indivíduo de coruja-buraqueira. Às 20h já tínhamos registrado cinco espécies de corujas no município, era uma noite promissora.

Quinze minutos depois, já estávamos em contato com a sexta coruja: a murucututu-de-barriga-amarela (*Pulsatrix koeniswaldiana*). Logo que paramos no local do território da espécie que conhecíamos, bastou uma rápida sequência de playbacks e lá estava a coruja pousada em uma árvore emergente na beira da estrada de terra que corta a FEENA. Esta espécie foi *lifer* para a Vivian, que há tempos procurava observá-la.



murucututu-de-barriga-amarela, *Pulsatrix koeniswaldiana*

Foto: Norton Santos

Partimos então para o próximo ponto da corujada, um território de corujas-listradas (*Strix hylophila*) que tínhamos descoberto há pouco mais de dois meses. Esta coruja estava sem registros no município há pelo menos 15 anos. Assim como ocorreu poucos dias antes, um indivíduo de coruja-listrada vocalizou espontaneamente quando chegamos ao local. Após algumas tentativas de atração por *playback*, infelizmente não conseguimos realizar um registro fotográfico. Mesmo assim, já tínhamos sete corujas na lista da corujada. Partimos então para o interior da FEENA.



Nos arredores de uma vila abandonada localizada dentro da Unidade de Conservação, começamos a sequência de playbacks pelas espécies menores. A primeira a ser chamada foi a corujinha-do-mato (*Megascops choliba*), que respondeu prontamente. Um indivíduo com plumagem ferrugínea se aproximou bastante e outro vocalizou ao longe. Após o registro da oitava espécie de coruja, começamos a procura pela coruja-da-igreja ou suindara (*Tyto furcata*). O *playback* da vocalização desta espécie atraiu um indivíduo que voou vocalizando sobre o local, mas não pousou nem permitiu fotos. Tínhamos alcançado a marca de nove espécies de corujas registradas em um mesmo dia. No mesmo instante, talvez atraído pelo *playback* da outra espécie, pousou diante de nós um belo mocho-diabo (*Asio stygius*). Mais um *lifer* para um integrante da equipe. No exato momento da aparição do indivíduo, o Rogério não estava com a câmera a postos. Após uma ou duas fotos, Norton emprestou a câmera para ele fazer o registro fotográfico do *lifer*. Garantido o registro, a câmera foi montada e demos

continuidade à corujada. O mocho-diabo permaneceu durante bastante tempo no mesmo poleiro, executando movimentos peculiares com a cabeça e permitindo ótimas fotos.

No caminho para o próximo ponto, nos arredores da lagoa central da



coruja-listrada, *Strix hylophila*

Foto: Rogério Machado



FEENA escutamos mais um indivíduo de coruja-da-igreja. Partimos então para o local onde registramos a coruja-preta (*Strix huhula*) e a coruja-do-mato (*Strix virgata*) alguns dias antes. Infelizmente não conseguimos localizar nenhuma das duas espécies e partimos em busca do outro casal de

coruja-listrada conhecido no município. Até o momento só são conhecidos dois casais de coruja-listrada em Rio Claro. Chegando ao local, levou algum tempo para a coruja aparecer, mas desta vez conseguimos fotografar um indivíduo. Retornamos ao estacionamento da FEENA, de onde partimos em direção às nossas casas. No meio do caminho ainda registramos mais dois indivíduos de coruja-buraqueira, completando 20 indivíduos de nove espécies de corujas registradas na noite. ■



Norton Santos, Gustavo Pinto, Vivian Robinson, Rogério Carlos Machado, Carlos Otávio Araujo Gussoni, Helbert Eduardo Noventa, Murilo Pinto

Texto e fotos: Luiz Carlos Ribenboim

Segunda-feira, 11 de maio de 2015. Tudo pronto para ir a Intervalos no dia seguinte com o amigo e guia Rafael Fortes. É época da sabiá-cica aparecer por lá, e não tenho uma boa foto do macho. Por volta das 19 horas o Rafa me liga dizendo que seu filhinho Gabriel não estava passando bem. Sou pai, sei como são essas coisas. Ficou praticamente decidido que não iríamos mais. Fiquei meio triste, e comecei a pensar em outras opções.

O Marcelo Barreiros há uns dias atrás havia me mandado uma foto do beija-flor-brilho-de-fogo, *Topaza pella*, dizendo que estava bom para fotografar ele devido a uma florada de *Espatodea*. Passei um WhatsApp para o Marcelo perguntando se ainda estava disponível para me guiar em Manaus, e ele respondeu afirmativamente. Então decidi que iria. Quando me preparava para ligar para outra pessoa, no caso o também amigo e guia Maycon Rezende para ir comigo, o Rafa liga e disse que seu filho apresentava sinais de melhora, que ele consultara um médico e que ele iria comigo para Intervalos. Falei a ele sobre a mudança de planos, causada pelo probleminha que o Gabriel estava passando, e propus então que fossemos pra Manaus, já que havia ligado para o Marcelo Barreiros. O Rafa topou. Tudo isso aconteceu num intervalo de pouco mais de uma hora. Passei uma mensagem para o Renato Paiva, de Intervalos, pedindo desculpas por não ir para lá. Logo darei um jeitinho de ir, se Deus quiser. Intervalos é espetacular.

Bem, na quarta-feira por volta de meio-dia nosso avião aterrissou em Manaus. O Marcelo nos aguardava no aeroporto e perguntou se queríamos descansar. Respondemos que queríamos passarinho, o descanso ficaria para depois. E lá fomos nós para o ramal do Pau-rosa. Em tempo, ramal é como os amazonenses chamam as estradas vicinais de terra batida. Bem, chegando no ponto que o Marcelo conhecia não deu outra. O brilho-de-fogo estava lá. Mas devido ao horário não ser propício ele não deu boas oportunidades de foto naquela tarde. Acho que teria dado se o dia estivesse nublado, mas não foi o caso, o sol estava a pino.

Ficamos algum tempo ali, e decidimos que seria melhor descansar e voltar no dia seguinte bem cedinho. Novamente o dia amanheceu ensolarado, o que atrapalhou um pouco. O beija-flor não pousava no galho que queríamos, pois o mesmo estava exposto ao sol e ao calor. Ele se

acomodou num galho bastante sombreado, e com um fundo brilhante, o que acabou diminuindo a qualidade das fotos. Mas deu para fazer alguma coisa.

Havia também no local outras espécies, como os beija-flores asa-de-sabre-cinza (*Campylopterus largipennis*), o beija-flor-azul-de-rabo-branco (*Florisuga mellivora*) e pássaros de outras famílias como o caboclinho-de-peito-castanho (*Sporophila castaneiventris*), o ferreirinho-estriado (*Todirostrum maculatum*), as maracanãs-do-buriti (*Orthopsittaca manilatus*), o sabiá-gongá-da-amazônia (*Saltator azarae*), e outros mais. Fizemos fotos de todos.

Lá pelas 11 horas o calor estava forte e resolvemos encerrar a sessão matinal. Fomos almoçar e depois descansar um pouco no hotel. Lá pelas 15 horas o Marcelo nos pegou para irmos à torre do Jardim Botânico. Geralmente as aves não aparecem muito de tarde, mas o tempo havia ficado nublado, e isso era auspicioso. Chegando no JB pagamos o ingresso de

beija-flor-brilho-de-fogo / *Topaza pella*

Nikon D800, Nikkor 500mm f/4 | f/4, 1/400, ISO 1250 @500mm, +0.7

30,00 por pessoa e entramos. A caminhada até a torre é por trilha plana e tranquila. Acho que não andamos nem 500 metros e já chegamos ao pé da torre. Aqui cabe uma observação. Essa era a quarta torre que eu visitara, todas na Amazônia. E foi sem dúvida a mais fácil de subir e de longe a mais confortável. Recomendo fortemente para os que, como eu, tem alguma dificuldade física. Seus degraus são baixos, existem grades o tempo todo, bem como dois corrimões durante toda a subida. A plataforma onde fotografamos é ampla e inspira segurança. Enfim, tudo de bom...

Para nos deixar ainda mais contentes naquela tarde apareceram diversas aves bonitas, com vários *lifers* tanto para mim como para o Rafael. Arapaçu-galinha (*Dendrexetastes rufigula*), saíra-diamante (*Tangara velia*), sete-cores-da-amazônia (*Tangara chilensis*) e araçari-negro (*Selenidera piperivora*) foram algumas delas. Alegria geral...

No dia seguinte, sexta-feira, decidimos voltar à torre bem cedinho. E foi sensacional. Logo de cara apareceu uma das estrelas do local, a curica-caica (*Pyrilia caica*). Eram duas, e seu canto logo foi identificado pelo Rafa e pelo Marcelo. É até covardia, não há ave que passe despercebida por essa dupla de feras! Bem, as curicas no início estavam escondidas nas folhagens de uma

árvore próxima, mas com o *playback* dos guias logo uma saiu da brenha e pousou no limpo! Um show!!!! Nessa manhã apareceram também, outras belas espécies, como duas Anacãs, duas maitacas-roxas (*Pionus fuscus*, pena que estavam longe...), pica-pau-de-colar-dourado (*Veniliornis cassini*), chorozinho-de-costas-manchadas (*Herpsilochmus dorsimaculatus*), caneleiro-pequeno jovem (*Pachyramphus minor*), gaturamo-preto (*Euphonia cayennensis*), gaturamo-verde (*Euphonia chrysopasta*), vissiá (*Rhytipterna simplex*), vite-vite-camurça (*Hylophilus muscicapinus*) e outros. Nessa manhã tivemos a agradável companhia de duas fotógrafas de Manaus, a Leonora e a Isabela. Foi legal conhecê-las!

Lá pelas 9 horas uma nuvem carregada se aproximou de nós e descemos rapidamente a fim de não sermos alcançados pela poderosa chuva amazônica. Conseguimos.

Na tarde desse dia fomos a Iramduba, onde o Marcelo conhece uma mata bastante rica. Passamos por uma ponte grande, de uns 3 km, sobre o rio Negro, e a visão daquela imensidão de água é um espetáculo à parte. Depois de mais uns poucos quilômetros, chegando na mata, saltamos e começamos a procurar aves. Com dois guias do calibre do Marcelo e do Rafa encontrá-las não foi difícil.



caboclinho-de-peito-castanho / *Sporophila castaneiventris*

Nikon D800, Nikkor 500mm f/4 | f/5.6, 1/500, ISO 1250 @500mm, -0.3



curica-caica / *Pyrilia caica*

Nikon D800, Nikkor 500mm f/4 | f/5, 1/800, ISO 1600 @500mm, -0.7

E logo fiz mais algumas fotos de espécies que eu não conhecia, como o uirapuruzinho (*Tyranneutes stolzmanni*), a maria-sebinha (*Hemitriccus minor*), o saí-de-perna-amarela (*Cyanerpes caeruleus*). Pena que as fotos não ficaram boas, mas vale o registro!

No fim da tarde passamos por um local na beira da rodovia onde dezenas de iratuás-grandes, *Gymnomystax mexicanus*, pousam para dormir. Foi muito legal!

Anoiteceu, e retornamos ao hotel. Depois de um bom jantar lá mesmo fomos dormir. No dia seguinte, sábado, véspera de nosso retorno para casa, voltamos no ramal do Pau-rosa a fim de tentar novamente o beija-flor. Nesse dia o sol estava bem forte, e o nosso amiguinho brilho-de-fogo permaneceu quase o tempo todo no seu galhinho sombreado. Decidimos então buscar outras coisas, ali mesmo no ramal do Pau-rosa. Nessa rápida incursão o Rafa conseguiu mais dois *lifers*, a polícia-inglesa-do-norte (*Sturnella militaris*) e a cigarrinha-do-campo (*Ammodramus aurifrons*). Paramos lá pelas 11 horas e fomos almoçar, e depois descansar. Queríamos voltar à torre de tarde, e fomos lá às 15h. Havíamos combinado de encontrar o Robson Czaban, mas acabou acontecendo um desencontro, e ficamos só o Rafa, Marcelo, sua esposa e eu na torre. O *highlight* da tarde foi um bando de 4 ou 5 pipiras-de-bico-vermelho (*Lamprospiza melanoleuca*) que se aproximaram bastante

e permitiram que tirássemos ótimas fotos.

Bem, estávamos na véspera de retornar a nossos lares. A Amazônia é tão diferente que o pensamento que me veio à mente foi "amanhã volto para o Brasil", rs...

Na última manhã nessa curta temporada de Manaus voltamos para a torre, na esperança de que se repetisse o que ocorrera dois dias antes, ou seja, uma fartura de pássaros. Mas não ocorreu, pouca coisa apareceu. Talvez devido ao calor. Mesmo assim fomos brindados com o chorozinho-de-costas-manchadas (*Herpsilochmus dorsimaculatus*), pomba-botafogo (*Patagioenas subvinacea*), anacã (*Deropterus accipitrinus*). O mais legal foi a social que rolou. A passarinhada foi divertida, na companhia do Anselmo, do Robson Czaban, da Eleonora e da Bia, além, é claro, do Rafael e do Marcelo. No finzinho escutamos um pássaro-boi cantar pertinho, mas ele não se mostrou para nós. Ficou rodeando a torre, atraído pelo *playback*, mas sem aparecer para sequer fazermos um registro. De qualquer forma, só o fato de saber que ele estava por ali já causou um frisson na turma. Parecia até o final de um capítulo de novela, que finaliza sempre no momento mais emocionante para que a gente não perca a continuação da história no dia seguinte. Então, precisamos voltar... Até breve, Manaus, se Deus quiser! ■



sete-cores-da-amazônia / *Tangara chilensis*

Nikon D800, Nikkor 500mm f/4 | f/8, 1/400, ISO 1250 @500mm

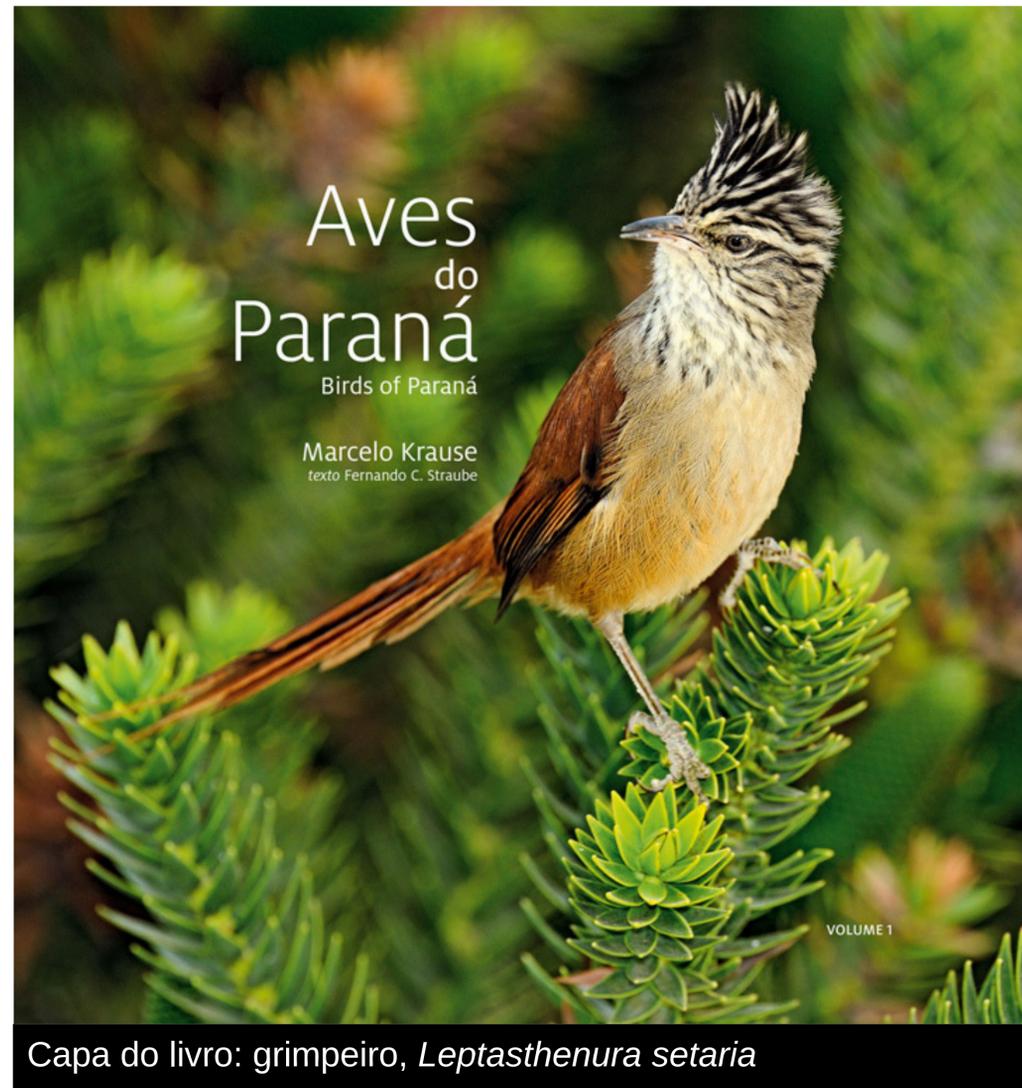


Pipira-de-bico-vermelho / *Lamprospiza melanoleuca*

Nikon D800, Nikkor 500mm f/4 | f/5.6, 1/320, ISO 1000 @500mm, -1

O Estado do Paraná figura entre as principais federações do Brasil tanto no que se refere à diversidade do número de espécies, como no número de observadores de aves. "Aves do Paraná (Birds of Paraná) - Volume I" é o primeiro de uma série de três volumes que pretendem ilustrar toda essa diversidade e a rica avifauna da região. Esse sensacional trabalho é o resultado da junção de forças entre Fernando Straube e Marcelo Krause.

Fernando Costa Straube é ornitólogo, autor de mais de uma centena de artigos especializados, livros e estudos técnicos, bem como consultor de periódicos científicos do Brasil e exterior e de entidades oficiais e privadas ligadas à pesquisa e conservação da natureza. Dedicou-se ao levantamento de aves, notavelmente do Paraná e de Curitiba, mas também à taxonomia, biogeografia, história



Capa do livro: grimpeiro, *Leptasthenura setaria*

das ciências, educação ambiental e à divulgação da prática de observação de aves no Brasil. É sócio-diretor da Hori Consultoria Ambiental e membro do Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (CBRO).

Marcelo Krause é fotógrafo profissional especializado em fotografia submarina e natureza. Escreveu e fotografou inúmeros artigos para revistas especializadas na área no Brasil, dentre elas revista Mergulho, National Geographic Brasil, BBC Wildlife Magazine, Náutica, Late Life, assim como diversos web sites e revistas digitais. Suas fotos foram premiadas em importantes concursos nacionais e internacionais, como por exemplo, BBC Wildlife Photographer of the Year e no Festival Mondial de L'image Sous-Marine. Já participou de exposições fotográficas solo e coletivas e dá palestras regularmente sobre temas relacionados à fotografia de natureza.

O livro, escrito em português e em inglês, inicia com lindíssimas fotos e um inspirado texto introdutório, onde o leitor é convidado a embarcar em uma verdadeira viagem



papa-piri, *Tachuris rubrigastra*

através das paisagens e biomas típicos do Paraná. O belo texto é poesia pura sobre montanhas, praias, rios, vales, florestas e matas paranaenses. O texto segue leve e soa como um voo de contemplação por essas terras. Durante a leitura, o leitor é praticamente transportado para esses fantásticos ambientes e é capaz de ver, ouvir e sentir as aves que habitam cada parte desses complexos e magníficos cenários.

O leitor, que após a leitura desse texto introdutório ainda tenta recuperar o fôlego depois de uma viagem em forma de voo por terras paranaenses, deve se preparar ainda mais para o que vem a seguir. São dezenas de fotos, verdadeiras pinturas, de diversas espécies que habitam a região. Cada foto é devidamente acompanhada de um belo texto descrevendo o nome e as informações mais relevantes sobre a espécie. Apenas para atiçar a curiosidade de vocês, algumas dessas fotos podem ser encontradas nesse artigo.

O livro é muito bem produzido e apresenta grandes

dimensões (31 cm x 31 cm), o que valoriza ainda mais os detalhes das belas espécies registradas pelo olhar único do autor. É uma aquisição obrigatória para a biblioteca de qualquer amante de fotografia, de aves e da natureza de uma das mais belas regiões do nosso Brasil.

Informações

TÍTULO: Aves do Paraná (Birds of Paraná) - Volume I

AUTOR: Fernando Straube e Marcelo Krause

EDITORA: Underwater Books

IDIOMA: Português / Inglês

ISBN: 978-8598697-06-2

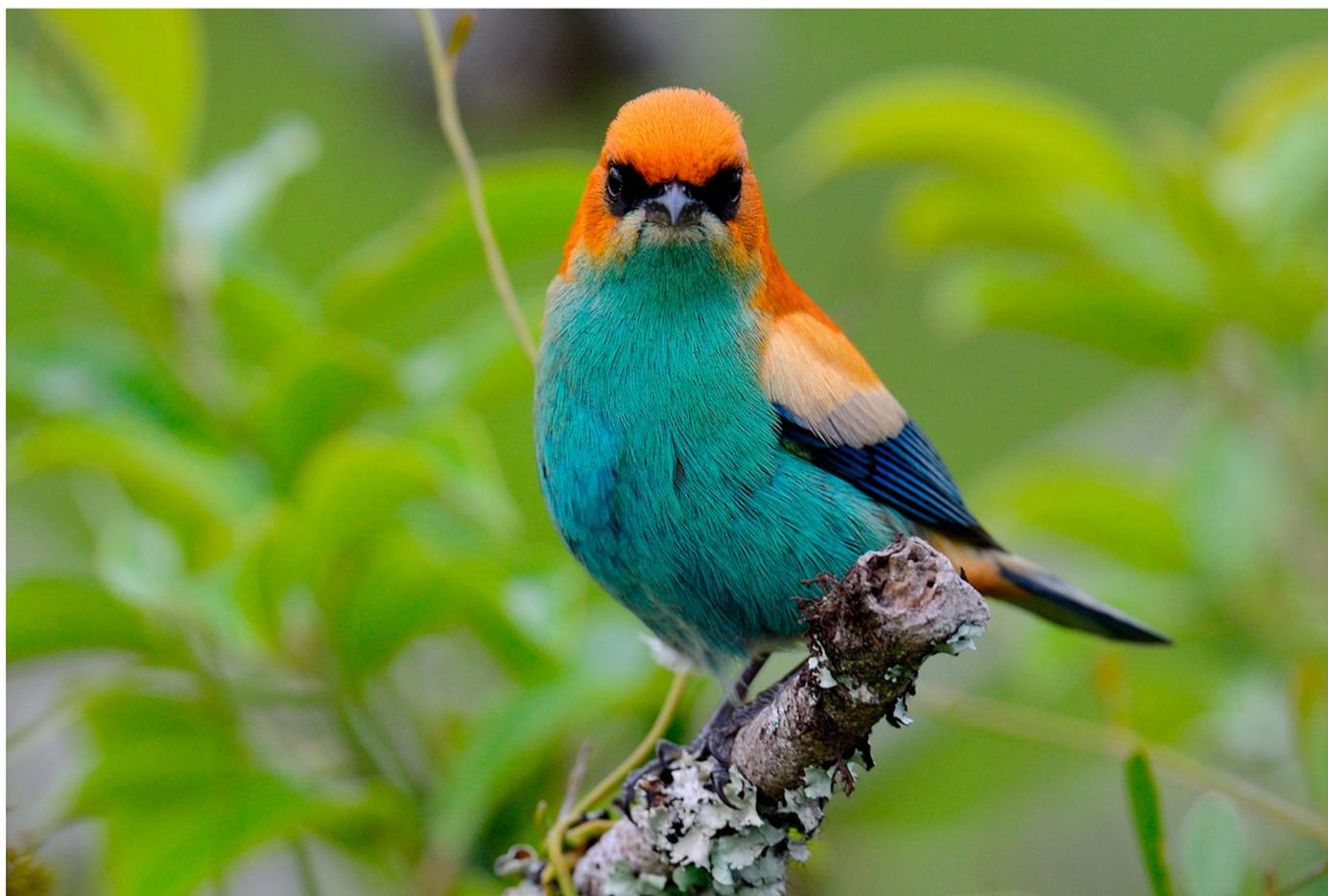
FORMATO: 31 cm x 31 cm

PÁGINAS: 176 páginas

WEBSITE: <http://www.underwater.com.br> ■



pia-cobra, *Geothlypis aequinoctialis*



saíra-preciosa, *Tangara preciosa*



UMALENTE MUITO ESPERADA

Nem sempre estar em companhia de um fotógrafo de aves é um bom negócio. Em geral são pessoas calmas (fotógrafos nervosos não duram mais do que alguns minutos na frustrante tarefa de fotografar esses pequenos, agitados e inconstantes seres alados), mas isso não impede de que sejam muitas vezes extremamente ranzinzas, resmungando contra todos os deuses que se divertiram colocando algumas das aves mais bonitas e raras em ambientes tão complicados de fotografar como, por exemplo, a mata atlântica.

Recentemente, pude ter meus momentos de mau humor quando fui fotografar no sul de São Paulo, na região do Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira, mais comumente conhecido como PETAR. Ambientes escuros, aves ariscas, pousando em galhos altos, ou invisíveis no meio das brenhas, enfim, o lugar oferece todos os desafios aos quais um fotógrafo de aves está acostumado. Porém, essas dificuldades foram amenizadas pelas aves do lugar, algumas das joias dessa região, e pelo prazer de usar a nova lente 80-400mm da Nikon.

Quando falamos em equipamento para fotografar aves, não há dúvidas de que, por mais importante que seja o



corpo da máquina, por mais que alguns acessórios ajudem enormemente nessa tarefa, a lente é sempre o centro das nossas preocupações. Uma boa lente vale, literalmente, quanto pesa e quanto custa. Esses, aliás, são os principais problemas das boas lentes: peso e custo. Por isso, conjuntos que consigam lidar com essas variáveis, diminuindo o valor dos dois, são os mais valorizados por esse tipo de fotógrafo. Sem dúvida, o ideal é uma lente mais leve, de custo razoável, e por isso modelos como a Canon EF 100-400mm f/4.5-5.6L IS USM, ou as “Bigmas” (particularmente, hoje, a Sigma 50-500mm f/4.5-6.3 APO DG OS HSM, e as novas Tamron e Sigma, ambas com a extensão 150-600), ou mesmo a versão anterior dessa nova lente da Nikon, a AF VR Zoom-NIKKOR 80-400mm f/4.5-5.6D ED, são muito valorizadas. Leves, relativamente compactas, com seu preço girando, nos EUA, em torno de 1,5 mil dólares, acabam sendo a escolha de um número bem grande de fotógrafos de aves que não estão dispostos a pagar o preço bem superior das lentes fixas, ou que hesitam diante do peso delas, que quase sempre obrigam ao uso de um bom conjunto de tripé e cabeça.

Essas lentes zoom, no entanto, sempre ofereceram um problema. Embora produzam ótimos resultados, a fotografia de aves, especialmente com o advento da fotografia digital, atingiu um patamar de exigência de qualidade muitas vezes quase cruel. Nitidez, contraste, saturação das cores, o amante desse tipo de imagem



juruba-verde / *Baryphthengus ruficapillus*

Nikon D4 | f/5.6, 1/320, ISO 800, @400mm

exige de si resultados que uma lente zoom normalmente não entrega com facilidade. Isso explica porque muitos amadores (e alguns profissionais) estejam utilizando cada vez mais conjuntos de lentes fixas, como as 300mm, 400mm e até mesmo 500mm, ainda utilizáveis “na mão”, associadas a teleconverters. Apesar da perda de luminosidade (e consequente dificuldade em focar, e degradação do resultado), uma fixa compensa esses problemas quando produz imagens de boa qualidade com uma regularidade muito maior do que as lentes zoom mais antigas. Ainda mais com a espantosa evolução da captura de imagens com ISO elevado, permitindo uso de aberturas mais fechadas e velocidades mais altas, o que, junto com os estabilizadores que estão presentes nas maiorias das lentes atuais, compensam boa parte do escurecimento que um bom teleconverter possa provocar.

A nova 80-400 da Nikon, contudo, talvez permita uma mudança nessa lógica de se buscar cada vez mais lentes fixas, retornando à ideia de uma lente zoom razoavelmente pequena, custando pelo menos metade do preço de uma fixa, e com uma qualidade ótica que pode ser resumida como sendo “saborosa”.

Ao contrário do modelo anterior, datado de mais de 20 anos, a nova AF-S NIKKOR 80-400mm f/4.5-5.6G ED VR

é uma lente completamente silenciosa, e com o foco muito rápido, especialmente se utilizada em câmeras de ponta da Nikon, como a D4, a D810 ou mesmo as novas D7200 e D750. Terminou a barulheira infernal do modelo anterior, assim como a irritante dificuldade de focar, no modo AF, quando havia uma situação de pouca luz. A qualidade da imagem é excelente, mas a verdade é que isso também acontecia no modelo anterior. O que muda, sem dúvida, é a facilidade e a constância como se chega a esse resultado.

A lente incorpora o novo sistema de estabilização da Nikon, que auxilia bastante na obtenção de imagens nítidas em situações de pouca luz. No entanto, nas várias imagens que fiz durante as caminhadas no PETAR, ficou evidente que essa característica não é suficiente para compensar o fato de que, em 400mm, estamos diante de uma lente escura. Para garantir um bom resultado, foi preciso subir consideravelmente o ISO, fechar a abertura em torno de 8, e colocar uma velocidade, muitas vezes, no limite (algumas fotos foram feitas na faixa do 1/30s). É uma lente pesada, uma sensível diferença com relação ao modelo anterior. Pode-se dizer que é uma lente “gorda” (em torno de 10cm de diâmetro, 1 cm a mais do que o modelo anterior) e comprida (20cm, enquanto que a antiga tinha 17). Isso atrapalha um pouco a



araçari-poca / *Selenidera maculirostris*

Nikon D4 | f/5.6, 1/500, ISO 800, @400mm



saíra-militar / *Tangara cyanocephala*

Nikon D4 | f/5.6, 1/500, ISO 800, @400mm



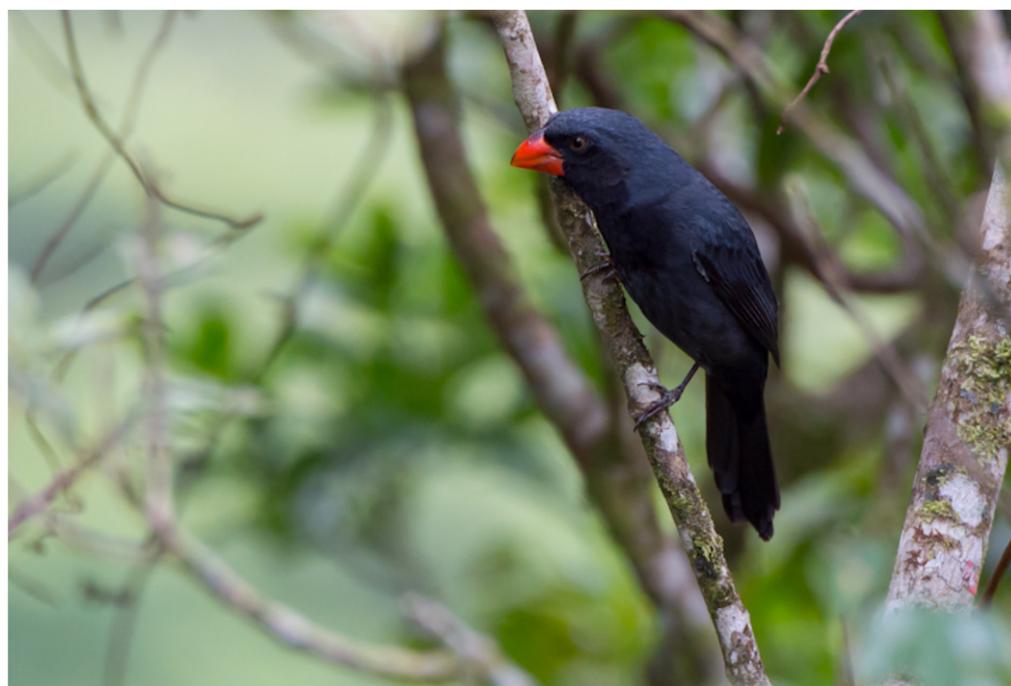
“empunhadura” da lente, mas não chega a ser incômodo. Um ponto importante é o modo de focagem A/M, permitindo alternar o foco automático e o manual sem precisar tirar o olho do visor da câmera, apenas girando o anel de foco, o que é especialmente útil na fotografia de aves em ambientes muito “poluídos”, com excessos de galhos, ramagens, folhas, etc.

Um ponto negativo, porém, é o preço. Custa mil dólares a mais que a AF VR Zoom-NIKKOR 80-400mm f/4.5-5.6D ED, o que a torna uma escolha menos confortável. Somando-se a um corpo e alguns outros itens necessários para esse tipo de fotografia, atinge-se com facilidade a soma de 4 mil dólares, um valor nem sempre acessível para a maioria dos fotógrafos amadores.

Uma grande decepção foi a utilização dos teleconverters da Nikon. O que era impossível no modelo anterior, por razões de encaixe, nessa ocorre por razões de qualidade final da imagem. Experimentei com os modelos 1.4, 1.7 e 2x, e em nenhum deles o resultado foi bom. No caso do 2x, o foco automático ficou praticamente inviável, sendo necessário o foco manual e o uso de abertura f/11. O modelo 1.4 portou-se ligeiramente melhor, mas mesmo assim o resultado final foi decepcionante. Naturalmente, uma lente 80-400 por si só já oferece ótimas opções de aproximação, mas seria bem interessante poder usá-la com uma distância focal de, por exemplo, 120-560, mas essa infelizmente acaba não sendo uma opção para quem deseja imagens de nitidez e foco perfeitos.

É uma lente, porém, que oferece diversas outras compensações. E uma delas, com certeza, é sua versatilidade. Com ela, é possível fazer retratos ou mesmo um registro de uma paisagem, embora, é claro, não rivalize com a qualidade de uma grande angular. No entanto, é uma comodidade saber que se pode, a qualquer momento, alternar de uma foto de uma ave para fazer um instantâneo dos companheiros de viagem ou mesmo uma foto que ajude a identificar o ambiente onde a ave vive.

Podemos dizer, então, que é uma lente muito bem vinda, resgatando para a Nikon um público que vinha



pimentão / *Saltator fuliginosus*

Nikon D4 | f/5.6, 1/250, ISO 800, @400mm

reclamando da falta de novidades nesse setor há um bom tempo. Foram lançados novos modelos de lentes fixas, a revolução das compactas é algo assombroso, e nos últimos anos vimos uma progressão de modelos de DSLR's cada vez mais sofisticadas, sem que esse setor de lentes tivesse sido contemplado. Agora, podemos contar com uma lente excelente, ideal para viagens onde levar uma lente fixa pode ser um transtorno, pela ansiedade que gera despachar o equipamento na bagagem de mão.

PONTOS POSITIVOS	PONTOS NEGATIVOS
Peso	Preço
Qualidade da imagem	Foco em baixa luz
Estabilização e velocidade de foco	Uso de teleconverter
Versatilidade	

FICHA TÉCNICA

Encaixe	F-Mount
Distância focal	80-400mm
Abertura máxima	f/4.5-5.6
Abertura mínima	f/32-40
Distância mínima de foco	1,75 m
Tamanho do filtro	77 mm
Peso	1,570 Kg
Preço aproximado	US\$ 2.700 (EUA)

Enquanto em 1946 os brasileiros estavam muito ocupados em conhecer e desbravar o país, em ocupar territórios desconhecidos e explorar os recursos naturais, um birdwatcher norte-americano, chamado William Belton, era enviado a Porto Alegre como cônsul do seu país.

Observador de aves amador na sua terra natal, tornou-se amigo íntimo do Dr. Helmuth Sick, também um estrangeiro, um dos poucos homens que naquela época estudava as aves brasileiras de forma séria e sistemática, ocupando a posição de ornitólogo no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Belton trabalhou no consulado norte-americano em Porto Alegre até 1948 e nestes três anos se deu conta do enorme potencial que havia para a atividade de observação de aves no Brasil.

Em 1970, já aposentado, escolheu a cidade de Gramado, no Rio Grande do Sul, como seu lugar de residência. De lá partiu, em inúmeras expedições, para os mais diversos rincões do estado do Rio Grande do Sul, a fim de observar aves.

Em 1972 ministrou o primeiro curso de extensão na Unisinos, que foi repetido em 1974 por um de seus discípulos, o biólogo Flávio Silva. Ao final desse segundo curso, com os participantes acampados às margens do Rio Caí, na fazenda Chaleira Preta (hoje Pólo Petroquímico de Triunfo), surgiu a ideia de fundar um Clube de Observadores de Aves. Assim, no dia 11 de novembro de 1974, foi fundado o primeiro COA do Brasil.

Aos poucos a notícia se espalhou e outros núcleos de observadores, também chamados COA, foram surgindo em diversos estados do Brasil. Enquanto surgiram o COA-MG, o COA-RJ, o COA-PR e tantos outros, aqui no Rio Grande do Sul o COA entrou em estado de hibernação.

Em 1984 Flávio Silva e Maria Alice Fallavena ministraram



Turma do curso de 1984

Foto: Arquivo pessoal do biólogo Flávio Silva

um novo curso de observação de aves no Parque Zoológico, em Sapucaia do Sul, ao final do qual o COA-RS foi reativado. Foi um período longo de atividades que se estendeu até 1996. Durante esses quase 13 anos de atividades ininterruptas, foram realizadas 72 reuniões e 56 saídas a campo. Um dos pontos altos deste período foi a excursão à Estação Ecológica do Taim em 1986, que contou com a participação de William Belton.

No interior do RS também haviam surgido alguns núcleos, mas na capital seguiu-se outro longo período de inatividade, que durou até maio de 2009, quando remanescentes dos primeiros dias do COA e novos entusiastas, retomaram as atividades sob a denominação de Clube de Observadores de Aves de Porto Alegre (COA-POA).

Hoje o COA-POA é uma entidade organizada, com estatuto, diretoria eleita e página na internet.

As atividades passadas estão todas documentadas nesta página assim como o calendário de atividades futuras.

O COA-POA conta hoje com mais de 260 associados, e realiza promoções voltadas a eles e também ao público em geral, buscando cumprir assim as metas declaradas nos objetivos da entidade:

a) Promover a observação e o estudo das aves silvestres em liberdade e dos ambientes naturais que elas ocupam.

- b) Estimular o aprimoramento da legislação ambiental e exigir o cumprimento das leis existentes.
- c) Combater e desestimular a destruição e o uso irresponsável dos ambientes naturais e promover a conservação e o respeito à liberdade das aves silvestres.
- d) Manter intercâmbio científico e cultural com instituições afins.
- e) Incentivar a criação de novas áreas de proteção ambiental, tanto públicas quanto privadas.

Atualmente as principais atividades regulares do COA-POA são:

- Uma reunião mensal com relatos dos associados e palestra técnica;
- Uma saída a campo por mês, para destinos de alto interesse ornitológico;
- Exposições fotográficas;
- Oficinas de iniciação à fotografia de aves;
- Oficinas de iniciação à observação de aves;
- Apoio técnico-científico para implantação de abrigos de observação;
- Atividades abertas à população em praça pública;
- Comemoração pública do Dia da Aves;
- Exposição e palestras no Festival de Aves Migratórias da Lagoa do Peixe;



Belton montando a barraca na Lagoa do Peixe

Foto: Arquivo pessoal do biólogo Flávio Silva

- Participação na produção de matérias sobre observação de aves na mídia regional (TV e jornal);
- Manutenção de página atualizada na internet;
- Assinatura de revista ornitológica e manutenção de pequena biblioteca;
- Produção e distribuição de material impresso sobre o COA-POA;
- Resposta rápida e objetiva aos questionamentos da população com relação à atividade de observação de aves, formulados através da página na internet.

Conheça o COA-POA e as atividades promovidas em: www.coapoa.org ■



Atividade de divulgação em praça pública em Porto Alegre/RS



Exposição fotográfica no Dia da Aves em 2014

ACONTECE



Avistar Vale Europeu 19-20 set



Palestras Oficinas Avistar Kids Exposições. Participe!

www.avistarbrasil.com.br



apoio



realização



Aves comuns, fotos incomuns



Anu-branco / Guira-guira

Foto de Fabrício Corsi Arias, Campinas/SP
Canon EOS 5D Mark II | f/6.3, 1/1250, ISO 200, @400mm

Borboleta "88" / *Diaethria sp.*

Norton Santos, colaborador da Revista Passarinando, estava em uma passarinhada e não perdeu a chance de fotografar essa bela borboleta. "Esta borboleta calmamente pousou em um folha bem na minha frente enquanto eu procurava por aves e, por sorte, consegui fotografá-la.", relatou Norton.

Se você também fotografou um mamífero, inseto, aracnídeo, anfíbio, etc, envie sua foto pra revista: contato@revistapassarinando.com.br.



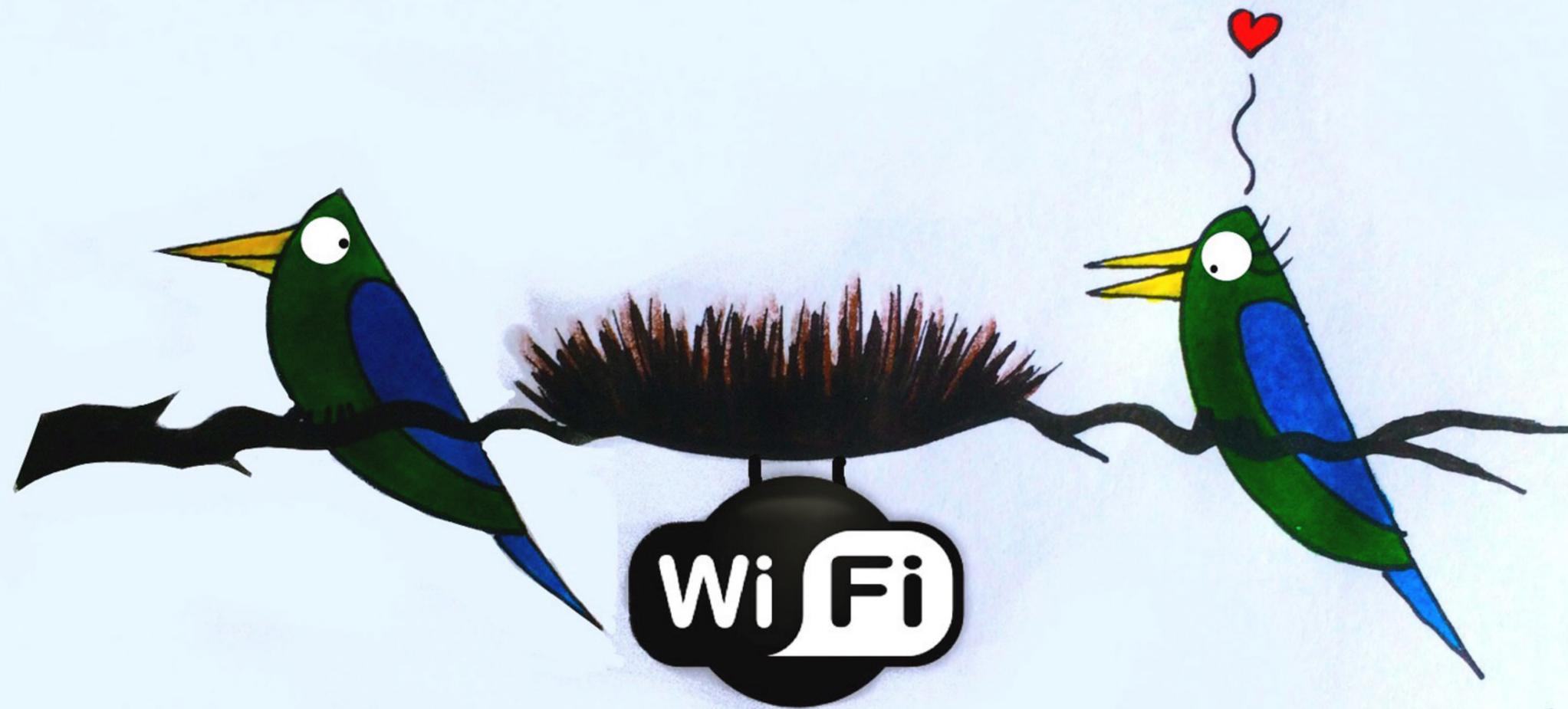
A borboleta "88" é um inseto pertencente à família Nymphalidae da ordem Lepidoptera e ocorre na região neotropical do planeta, abrangendo as Américas Central e do Sul. No Brasil, ocorre principalmente no Cerrado na Mata Atlântica. Seu nome popular é devido ao desenho formado em suas asas. Alimenta-se principalmente de sais minerais no solo e de frutas podres caídas. Tem-se encontrado cada vez menos exemplares dessa espécie na natureza, devido à destruição de seu habitat.

Apareceu do nada, ficou parado o suficiente para essa foto, e desapareceu na vegetação adentro.
Borboleta "88" / *Diaethria sp.*

Canon EF 100-400mm f/4.5-5.6L IS USM | f/6.3, 1/250s, ISO 200, @400mm

Foto: Norton Santos





LUCCAS
LONGO





CONSULTORIA EM ECOTURISMO E MEIO AMBIENTE CURSOS, WORKSHOPS, TREINAMENTOS

- ✦ **Soluções e novas alternativas para melhorar o desempenho de seu negócio**
- ✦ **Observação de vida selvagem**
- ✦ **Infraestrutura para turismo de observação de aves**
- ✦ **Sistemas de Gestão de Segurança**

**MARITACA
EXPEDITIONS**

ASSOCIADO



OBSERVAÇÃO DE VIDA SELVAGEM, CONSULTORIA EM ECOTURISMO E MEIO AMBIENTE

info@maritacaturismo.com.br
www.maritacaexpeditions.com

55 11 9.9999.0331
55 34 9148.6882

